



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

SÉRGIO AUGUSTO DA SILVA CABRAL

“Nem só de pão...” (Mt 4,4)

Uma reflexão teológica, pedagógica e didática sobre a unidade letiva “O pão de cada dia” do 6.º ano do Ensino Básico do programa de Educação Moral e Religiosa Católica

Relatório final da Prática de Ensino Supervisionada sob orientação de:

Prof.^a Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2013

“Com um só pão podemos fazer muita coisa,
se aprendermos a arte de multiplicar a vida.”

José Tolentino Mendonça

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I – O PÃO: ALIMENTO CORPORAL E ESPIRITUAL	7
1. O pão na história e na cultura popular portuguesa	7
2. O pão em diversas culturas	11
3. A simbologia judaico-cristã do pão no Antigo e Novo Testamento	13
3.1 <i>O pão como um dom</i>	13
3.2 <i>O pão ázimo e o pão com fermento</i>	14
3.3 <i>O maná</i>	16
3.4 <i>Jesus, o Pão da Vida</i>	17
3.5 <i>A eucaristia</i>	19
3.5.1 Sacramento do sacrifício	19
3.5.2 Memorial da Páscoa	21
3.5.3 Banquete fraterno	22
CAPÍTULO II – PESSOAS COM FOME: UM ESCÂNDALO QUE LESA A HUMANIDADE	24
1. A fome no mundo e suas causas	24
2. O desperdício alimentar	27
3. A luta contra a fome	28
CAPÍTULO III – PÃO PARA TODOS: UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA	31
1. A alimentação, um direito de todos	31
2. Os valores da partilha: caridade e justiça	33
3. A importância do voluntariado	36

CAPÍTULO IV – A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DA UNIDADE LETIVA “O PÃO DE CADA DIA” DO 6.º ANO DE ESCOLARIDADE	38
1. Apresentação da escola	38
2. Caracterização da turma	39
3. Apresentação detalhada da unidade letiva	40
3.1 Aula n.º 1: <i>o pão como alimento básico e simbólico</i>	42
3.2 Aula n.º 2: <i>a simbologia judaico-cristã do pão</i>	44
3.3 Aula n.º 3: <i>o flagelo da fome no mundo</i>	46
3.4 Aula n.º 4: <i>a partilha, uma questão de justiça</i>	48
3.5 Aula n.º 5: <i>a importância do voluntariado</i>	50
3.6 Aula n.º 6: <i>avaliação de conteúdos</i>	52
4. Apresentação esquemática das planificações	53
5. Avaliação e perspectivas	66
CONCLUSÃO	74
BIBLIOGRAFIA	75
ANEXOS	79

INTRODUÇÃO

Este relatório resulta de um caminho de aprofundamento teológico, pedagógico e didático da unidade letiva “O pão de cada dia” do 6.º ano de escolaridade do programa do ensino básico da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. O facto de escolher esta unidade letiva reflete o meu interesse pessoal pela temática que o pão sintetiza, tornando-se uma oportunidade para explorar um pouco do seu vasto e precioso universo simbólico, assim como das realidades onde é urgente partir o pão por uma questão de justiça.

Por isso, no primeiro capítulo deste relatório detenho-me no aprofundamento da simbologia do pão, não só na cultura portuguesa, mas sobretudo na cultura judaico-cristã. De facto, o pão congrega em si um património simbólico imenso, enriquecido por diversas culturas ao longo da história da humanidade. Na cultura portuguesa, o carácter simbólico do pão é evidente. Ele não é apenas um alimento básico, quotidiano e essencial, mas é símbolo de comunhão, fraternidade, de partilha, de vida. Por exemplo, se atendermos à raiz etimológica das palavras companhia, companheiro, acampamento, apercebemo-nos da sua identidade mais profunda: o *com-panis*, o comer o mesmo pão¹. Em sentido contrário, a inexistência de pão acaba por significar, justamente, a separação e o conflito, conforme canta Zeca Afonso na canção “Menino do bairro negro”: “onde não há pão não há sossego”. Na linguagem bíblica, o pão também deve ser entendido dentro desta lógica, como alimento que se destina a ser repartido², implicando deste modo uma reunião, uma comunhão, uma intimidade. A “fração do pão” (Act 2,42) é a grande expressão desta comunhão de total intimidade entre Deus e os seus fiéis. Aí Deus torna-se presente, torna-se a fonte de unidade e de comunhão da Igreja: “O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão” (1 Cor 10,16-17). O pão, então, é mais do que um alimento de vida para o corpo; é também, um alimento espiritual, atingindo o seu culminar simbólico em Jesus Cristo, Pão da Vida, Palavra feita carne: “Nem só de pão vive o homem, mas de toda a Palavra que vem da boca de Deus” (Mt 4,4).

Quer o segundo, quer o terceiro capítulo subordinam-se ao primeiro, visto que a fome e a partilha só se entendem a partir do pão: a fome traduz a escassez de alimento, de pão; a

¹ Cf. José Tolentino MENDONÇA, *Pai-Nosso que estais na Terra. O Pai-nosso aberto a crentes e a não-crentes*, col. Poéticas do Viver Crente, Paulinas, Prior Velho, 2012⁷, 106.

² Daniel SESBOÛÉ, *Pan* in Xavier LÉON-DUFOUR (dir.), *Vocabulario de Teología Bíblica*, Editorial Herder, Barcelona, 1965, 566-567.

repartição traduz uma ação possibilitada pelo pão. Então, o olhar debruça-se sobre as pessoas com fome no mundo, portanto, sem pão, sem comunhão, sem fraternidade, sem vida. Estamos no reverso do universo do pão, num campo vazio que conduz à morte. A possibilidade de transformar esta realidade escandalosa, que ofende os direitos fundamentais do ser humano, depende do reconhecimento do valor da justiça, que através da caridade, restitui ao pão a sua verdadeira vocação de criar comunhão, fraternidade, vida. Na verdade, é pelo amor generoso, gratuito, de entrega total de si pela vida do outro que o pão pode ser repartido e, desta forma, gerar vida.

O quarto capítulo traz o essencial desta construção teórica da unidade letiva “O pão de cada dia” para dentro da sala de aula. Aí reflito sobre a minha prática pedagógica e didática da lecionação desta unidade letiva, em seis aulas, à turma 4 do 6.º ano de escolaridade do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, em Braga. De um modo geral, a experiência da lecionação implica sempre um determinado conhecimento das diversas realidades sociais que compõe uma determinada turma. Particularmente, no que se refere a esta unidade letiva, observar este princípio é essencial. Por isso, procurei *dizer o pão, a fome, e a partilha* da forma mais humana possível utilizando as metodologias e os recursos pedagógico-didáticos que considere mais apropriados para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Na realidade, cada aluno apreende cada conteúdo mediante o seu contexto histórico, familiar e social vivido. Ora, se um aluno vive “na pele” *a fome*, torna-se muito difícil para o professor abordar este tema. O professor poderá até causar revolta no aluno e perder toda a sua legitimidade para ensinar se não procurar lecionar com delicadeza e sensibilidade.

Ainda sobre a experiência pedagógica e didática desta unidade letiva, é importante referir que ela ocorre configurada às novas orientações do ministério da educação, patentes no despacho n.º 17169/2011 de 23 de dezembro de 2011³, que privilegia os conhecimentos em detrimento das competências. Deste modo, as competências inscritas no programa nacional da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica não são contempladas. Em sua vez, são contemplados, tendo em conta os conteúdos, conhecimentos a adquirir e capacidades a desenvolver.

³ Cf. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho n.º 17169/2011 de 23 de dezembro de 2011 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2.ª série — N.º 245 — 23 de Dezembro de 2011.

CAPÍTULO I – O PÃO: ALIMENTO CORPORAL E ESPIRITUAL

O pão como alimento básico não só na cultura portuguesa, mas também nas culturas do mediterrâneo, do norte de África e do médio oriente, adquiriu ao longo dos tempos um caráter muito simbólico. Também noutras culturas encontramos alimentos básicos, equivalentes ao pão, que foram adquirindo uma determinada simbologia. Na cultura judaica, a simbologia do pão atinge um nível espiritual profundo. Tendo-se tornado símbolo de comunhão com o divino, o próprio Jesus adota-o para se tornar presente na Eucaristia.

Portanto, é neste duplo sentido que este capítulo se organiza e se orienta até à total confluência do pão com a Palavra na Eucaristia. Não é somente do pão, que alimenta o corpo, que a nossa existência depende, mas também do Pão que alimenta o espírito, Palavra de Deus, encarnada no seio da humanidade. Aliás, esse é o Pão que dá sentido e finalidade à vida e que oferece resposta para a vocação transcendente do ser humano: “Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que vem da boca de Deus” (Mt 4,4)⁴.

1. O pão na história e na cultura popular portuguesa

O pão é um dos alimentos básicos da cultura gastronómica portuguesa, existindo uma ampla diversidade de tipos característicos de várias regiões. Para além do pão de trigo, do qual o mais representativo é o pão alentejano, também fazem parte da mesa dos portugueses o pão de milho, típico da região norte e o pão de centeio, típico da região da Serra da Estrela⁵.

Um breve olhar sobre a história do pão no território português ajuda-nos a encontrar as razões para compreendê-lo como alimento fundamental e símbolo na cultura portuguesa. As origens do pão em Portugal têm as suas raízes no tempo do império romano, em que a região compreendida entre o rio Douro e o rio Tejo se chamava Lusitânia. Neste território, conhecido como o “celeiro do império”, existiam basicamente três qualidades de pão: o *panis mundus* (pão de primeira qualidade), o *panis secundarius* (pão fabricado com farinha de segunda qualidade), e o *panis sordidus* (pão de mais qualidade mais baixa). Porém, ainda não tinha o estatuto de alimento básico, o qual foi assumido, de forma gradual, na Idade Média. Por isso, no século XII começou-se a regulamentar a sua produção e distribuição. No século seguinte, começou a escassear o trigo devido a um significativo aumento de consumo de pão. Houve,

⁴ Cf. José Tolentino MENDONÇA, *Pai-Nosso que estais na Terra...* op. cit., 140.

⁵ Cf. Carla BRITES, Margarida GUERREIRO, *O pão através dos tempos*, Apenas Livros, col. Res Rustica 12, Lisboa, 2008, 11.

então, a necessidade de se importar trigo do norte de África em troca de vinho⁶. Com a peste negra, no século XIV, a escassez de trigo agravou-se, levando o rei D. Fernando I a decretar a Lei das Sesmarias que obrigava os lavradores a cultivarem as terras com trigo, cevada e milho “para dar pão”⁷.

No século XV, a cultura do trigo já se estendia à Madeira e aos Açores. Para a confecção do pão só existiam padeiras, entre as quais, a célebre padeira de Aljubarrota que, segundo reza a lenda, terá matado com a sua própria pá, vários castelhanos. O pão também foi um dos alimentos mais importantes na época dos descobrimentos principalmente nas longas viagens. Mas este pão era confeccionado de modo diferente, uma vez que era cozido duas vezes⁸ no forno para lhe assegurar durabilidade. Com a descoberta do Brasil, D. Manuel mandou construir o Terreiro do Trigo em 1517 com vista ao armazenamento de cereais transportados por via marítima. Mais tarde, já no século XVIII, Marquês do Pombal incentivou a produção de cereais, decretando o arranque de vinhas em terrenos que fossem apropriados para a cultura de cereais. No século XIX, com os progressos tecnológicos, foi inventada a primeira amassadeira mecânica, a chamada “lambertina”. Deste modo, com o aumento de produção houve uma conseqüente redução do preço do pão, nomeadamente do pão branco⁹, permitindo o seu consumo pela população com menos possibilidades económicas. Mais tarde, devido à insuficiência de trigo em Portugal, na Europa, aos preços competitivos apresentados pela Rússia e à alta qualidade do trigo norte-americano, em 1899, surgiu a lei dos cereais de Elvino de Brito para travar a importação de trigo do exterior e deste modo obrigar as moagens a adquirir cereal nacional. Com a persistência desta insuficiência e para garantir o autoabastecimento, em 1929, o Estado português lançou a Campanha do Trigo que consistia na atribuição de regalias a quem o cultivasse. Esta medida veio, por um lado, aumentar

⁶ *Ibidem*, 11. A escassez de pão é referenciada na poesia trovadoresca do século XIII, nomeadamente, na primeira estrofe da cantiga de escárnio e maldizer intitulada “Moir’eu aqui d’adessoriam” de Pero Gomes Barroso do seguinte modo: “Moir’eu aqui d’adessoriam / e dizem ca moiro d’amor; / e haveria gram sabor / de comer, se tevesse pam; / e, amigos, direi-vos al: / moir’eu do que em Portugal / morreu Dom Ponço de Baiam.” Fonte manuscrita disponível no Cancioneiro da Biblioteca Nacional – B 1441bis V1052, acedida em 22 de abril de 2013 através do seguinte endereço eletrónico: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>.

⁷ Segundo Fernão Lopes, o rei D. Fernando I “mandou que todos os que tivessem herdades suas próprias, e emprazadas, ou por outro qualquer titulo, que fossem constringidos para as lavrar e semear, e se o senhor das herdades as não podesse lavrar, por serem muitas ou em desvairadas partes, que lavrasse por si as que lhe mais aprouvesse, e as outras fizesse lavrar por outrem ou desse a lavrador por sua parte, de guisa que todas as herdades que eram para dar pão todas fossem semeadas de trigo e cevada e milho”. Fernão LOPES (1380?-1460), *Chronica de el-rei D. Fernando*, Vol. II, col. Bibliotheca de Clássicos Portuguezes, Escriptorio, Lisboa, 1895-1896, 100.

⁸ A este pão, cozido duas vezes, dá-se o nome de biscoito (bis-coito = cozido duas vezes).

⁹ A denominação de “pão branco”, por oposição a “pão escuro”, refere-se ao *mollet*, o pão importado de França que era símbolo de riqueza e prestígio. Pelo contrário, o “pão escuro”, proveniente da farinha integral, era destinado aos pobres e aos escravos. Cf. Carla BRITES, Margarida GUERREIRO, *O pão através dos tempos*, 8.

significativamente a sua produção, mas por outro provocar um acentuado empobrecimento dos solos, uma vez que, com o abandono do sistema de rotação de culturas, deixou-se de observar os períodos de pousio. Desde esta altura até à atualidade, a indústria do pão continuou a desenvolver-se, não só ao nível da produção, com a automatização da indústria de moagem e panificação e a utilização de câmaras de fermentação e fornos elétricos, mas também a nível genético, com o melhoramento das sementes de trigo. Por outro lado, com o objetivo de regulamentar a produção, o consumo e a importação de cereais, foram criados vários organismos ao longo do século XX, tendo-se alguns, entretanto, extinguido, fundido ou dado lugar a outros, consoante o enquadramento industrial, político e económico do pão, dos quais se destacam a Federação Nacional dos Produtores de Trigo (FNPT), criada em 1933, e o Instituto Nacional do Pão (INP), criado em 1936. Em 1972 estas duas entidades fundiram-se num único organismo denominado de Instituto dos cereais, que foi extinto em 1976, dando lugar à criação da Empresa Pública para Abastecimento de Cereais (EPAC). Esta entidade foi, entretanto, extinta em 2001 devido ao processo de liberalização do comércio de cereais iniciado aquando da entrada de Portugal na comunidade europeia em 1986¹⁰.

Desde os tempos da Lusitânia até à atualidade, a influência do cristianismo também foi fundamental na construção do carácter simbólico do pão na cultura popular portuguesa. Por isso, são numerosos os contos e as lendas sobre o pão associados à vivência do cristianismo. A “lenda das rosas”¹¹ é uma das lendas mais conhecidas, mas aqui pretendemos destacar dois contos menos conhecidos. O primeiro, apresentado de seguida, refere-se à figura de S. Gonçalo de Amarante e às dificuldades que ele encontrou no anúncio da doutrina às povoações serranas da serra do Marão no seu tempo. Através do milagre da excomunhão do pão, ele procura evidenciar os efeitos que a excomunhão produz na alma com o intuito de converter estas populações para a fé cristã:

“Acabadas as obras da ponte frei Gonçalo reinicia a pregação e doutrinação pelas aldeias serranas do Marão. Chegado a um remoto lugarejo, quando se preparava para iniciar a pregação foi avisado de que os seus habitantes não eram apegados às coisas da igreja — muito pelo contrário. Temor a Deus era coisa que não tinham e até zombavam daqueles poucos que cumpriam alguns mandamentos.

Frei Gonçalo avisado caminhou até ao meio do largo e começou a pregar. De quando em vez era interrompido, com palavras de sarcasmo e gestos obscenos, por uns quantos populares

¹⁰ Cf. Carla BRITES, Margarida GUERREIRO, *O pão através dos tempos*, op. cit., 9-10.

¹¹ Ver em anexo 1, página 80.

passantes. Nada o demoveu continuando o sermão com imensas referências à excomunhão e aos efeitos que ela provocava na alma. Apesar dos esforços e da pertinência das palavras ninguém o levava a sério. A dada altura surgiu à entrada do largo uma mulher com um açafate à cabeça — era uma padeira — cheio de pães molete, alvos e apetitosos.

Chamou-a e pediu-lhe que pousasse o açafate no chão e, virando-se para os descrentes ouvintes, disse-lhes:

- Quero que vejais neste pão os efeitos da sentença da excomunhão na alma de um desventurado.

Deitou os olhos ao céu e apontando para o pão disse:

- Eu, Frei Gonçalo, por parte de Deus excomungo todo este pão.

Ainda mal tinha acabado de dizer as últimas palavras já o pão — alvo e apetitoso — estava negro como o carvão. Todos os presentes, de olhos muito arregalados, pasmaram de medo e fizeram profundo silêncio.

Continuou a pregação e, para provar o poder da absolvição para quem humildemente a procura, pediu que lhe trouxessem da capela do lugar, um pouco de água benta. Molhou os dedos e borrifou os pães pronunciando as palavras próprias da absolvição. De imediato os pães voltaram a ser alvos e apetitosos e a padeira seguiu o seu caminho dando louvores e mercês a Deus¹².

O segundo exemplo, recolhido em Vinhais em 1990¹³, conta a história de uma mulher que em vez de guardar o dia de sexta-feira santa, decidiu amassar farinha para confeccionar pão. A inesperada aparição do formato de uma hóstia com pintas de sangue, sinal do sofrimento de Cristo, trouxe-lhe a consciência do seu pecado, só reparável pela distribuição de todo o pão amassado pelos pobres da sua aldeia:

“Nos domingos e dias feriados o povo rural ainda hoje cumpre a tradição de não ir para o campo trabalhar. E é de tal forma o respeito por esses dias, que há certos feriados em que nem no campo nem em casa o povo trabalha. Assim acontece na Sexta-Feira Santa.

Contam os antigos que em Rebordelo, Vinhais, uma mulher resolveu não guardar o feriado de Sexta-Feira Santa e, desdenhando dos seus vizinhos, disse:

— Ides ver se eu vou ou não cozer hoje o meu pão!

Pôs-se então a amassar a farinha, e, quando já ela estava a levedar, apareceu-lhe na masseira o formato de uma hóstia salpicada com pintas de sangue. A mulher ficou admirada, mas não se importou muito com isso. Vai daí, despejou a farinha e pôs-se a amassar outra, para tentar fazer o trabalho que tinha começado. Contudo, na masseira voltou a aparecer uma hóstia com pintas de sangue.

¹² António PATRÍCIO, *Lendas de S. Gonçalo e de Amarante*, Paróquia de S. Gonçalo, Amarante, 2009, 45-46.

¹³ Cf. Alexandre PARAFITA, *Antologia de Contos Populares*, Vol. 1, Plátano Editora, Lisboa, 2001, 58.

Muito aflita, correu a casa do padre para se confessar e pedir a sua ajuda. O padre disse-lhe:

— Se estás arrependida do que fizeste, vai para casa, coze todo o pão que amassaste e vai depois distribuí-lo pelos pobres da aldeia.

Ela assim fez. E nunca mais voltou a encontrar daqueles sinais na levedura do pão¹⁴.

A grande diversidade de provérbios referentes ao pão, também reflete a importância deste alimento como símbolo na cultura popular portuguesa. A alusão ao pão está presente nos provérbios sobre os efeitos das condições climáticas, a qualidade das colheitas, a sazonalidade do meio rural, o comportamento humano, as relações sociais, a alimentação, os laços familiares e a religião¹⁵. Os provérbios, apresentados de seguida, são apenas um pequeno exemplo da diversidade temática referenciada:

A filho ladrão tira-se-lhe o pão;

A pão duro dente agudo;

Abril frio, pão e vinho;

Ano de rosas, ano de pão;

Casa em que não há pão todos ralham e ninguém tem razão;

Comida sem pão é comida de lambão;

Deus dá pão a quem não tem dentes;

Janeiro molhado não é bom nem para o pão nem para o gado;

Maio hortelão, muita palha e pouco pão;

Mais vale pão duro do que vinho maduro;

O pão que o diabo amassou;

Quem dá o pão, dá a educação.

2. O pão em diversas culturas

Ao viajarmos pelo mundo, deparamo-nos com diversas culturas em que o pão feito a partir do trigo ou da cevada também tem um estatuto de alimento básico, assumindo um caráter simbólico, nomeadamente as culturas da região do mediterrâneo. Porém, outros povos trazem na sua história e na sua cultura outros alimentos básicos que se revestiram de caráter simbólico ao longo dos tempos. É o caso das culturas da África subsariana, da América do Sul e da Ásia.

¹⁴ *Ibidem*, 58.

¹⁵ Cf. Carla BRITES, Margarida GUERREIRO, *O pão através dos tempos*, op. cit., 16.

Ao olharmos para a alimentação do vasto continente africano, identificamos alguns cereais que são cultivados desde a antiguidade como o sorgo, o milho painço e o milhomiúdo, o feijão-frade e as lentilhas. O fruto do embondeiro, o chamado “pão macaco” em Angola, assim como as suas folhas também têm um lugar de destaque não só na gastronomia da África, mas também como um remédio para a cura de feridas. No entanto, através dos tempos, com o desenvolvimento das rotas comerciais entre a Ásia e África, através de mercadores árabes, e também com os descobrimentos portugueses, foram introduzidos neste continente outros alimentos que se tornaram básicos, tais como o arroz, a mandioca e o milho. Juntamente com o inhame, estes alimentos são o “pão de cada dia” da generalidade dos africanos subsarianos, comendo-os cozidos e sob a forma de farinha, massa ou pão, acompanhados com molhos feitos à base de especiarias e óleos de palma ou sésamo¹⁶. Ao prato de farinha de mandioca ou de milho cozida dá-se o nome de *fungi*, em Angola, e o nome de *shima* em Moçambique.

Detendo-nos, agora na região sul-americana, nomeadamente o Brasil, constatamos que, devido às significativas mudanças históricas e culturais, provocadas pelos descobrimentos portugueses e também pela imigração, já no século XX, de japoneses, italianos, alemães, e outros povos, existe uma ampla diversidade de alimentos considerados básicos. Entre os quais, os alimentos provenientes dos povos nativos e característicos daquela região. São eles a mandioca, o palmito, o milho e a batata-doce. Já o açúcar, o arroz, as bananas, a manga e o coco foram introduzidos mais tarde pelos portugueses e são hoje património indiscutível da alimentação brasileira¹⁷.

Voltando-nos agora para o continente asiático, o arroz cozido, a que se dá o nome de *fan* é o alimento que está na base da alimentação chinesa. Segundo as regras da cultura chinesa, este alimento deve ser comido com os pauzinhos, os quais nunca devem ser apontados na direção de ninguém, nem pousados sobre a tija do arroz, já que essa é a posição dos paus de incenso frente à sepultura. Este procedimento significará um mau presságio para os vivos¹⁸. A soja é, também, outro alimento básico que se destaca dentro da cultura gastronómica chinesa. Da Índia, salientam-se as especiarias que não são usadas como meros condimentos. A elas associam-se propriedades medicinais, espirituais e religiosas. O arroz, também, ocupa um lugar de relevo, nomeadamente no sul da Índia, onde a cozinha é maioritariamente

¹⁶ Cf. ALTO COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO E MINORIAS ÉTNICAS - ACIME (org.), *Sabores do mundo: Guia da diversidade gastronómica*, Acime / Unesco / Presidência do Conselho de Ministros, Lisboa, 2006, 12.

¹⁷ Cf. *Ibidem*, 15-17.

¹⁸ Cf. *Ibidem*, 21-23.

vegetariana, também devido a motivos religiosos. Por último, o arroz também é a base da alimentação japonesa. Aliás, a palavra *gohan* que designa arroz em japonês também é utilizada para designar refeição. De facto, o arroz está presente em todas as refeições, até mesmo no pequeno-almoço. Devido à influência do budismo, que levou a uma prática alimentar vegetariana, a soja também faz parte, atualmente, da alimentação quotidiana japonesa¹⁹.

3. A simbologia judaico-cristã do pão no Antigo e Novo Testamento

Originalmente, o pão era feito a partir de cevada, feijão, lentilhas e outros produtos. Só mais tarde, é que o pão de trigo, mais fino que o pão de cevada, começou a fazer parte da mesa da classe mais rica da Palestina, uma região historicamente pobre²⁰. Apesar das duras condições de vida daquele tempo, o pão era, muitas vezes, o único alimento que se comia. Por isso, o termo “pão” também representa o alimento, o sustento. A oração do pai-nosso evidencia bem esta noção, ao resumir no “pão-nosso” todos os alimentos necessários para a sobrevivência humana. Do mesmo modo, a expressão «pão em abundância» (Lc 15,17) referida na parábola do Filho Pródigo, também deve ser lida com este sentido²¹.

Mas o termo “pão” não designa, apenas, o alimento do quotidiano para o corpo, uma fonte de força (Sl 104,14-15), mas sobretudo o alimento para a vida espiritual²². O pão é símbolo de todos os bens que são dádiva de Deus, da sua Aliança com a humanidade, da sua Palavra feita carne em Jesus Cristo (Jo 1,14), o Pão da vida (João 6,22-58), é símbolo da Eucaristia²³.

3.1 O pão como um dom

Nunca poderemos ter um conceito correto do pão na Bíblia, símbolo de todo o alimento, se não o concebermos como um dom de Deus. O “fruto da terra e do trabalho do homem”²⁴ só nasce, cresce e amadurece se do alto se receber sol e chuva. Por isso, o ser humano nunca poderá subsistir sem Deus²⁵. No primeiro capítulo do livro dos Génesis, Deus dá ao homem e à mulher como seu alimento “todas as ervas com semente” e “todas as árvores de fruto com

¹⁹ Cf. *Ibidem*, 30.

²⁰ Cf. Friedemann MERKEL, *Pan* in Lothar COENEN, Erich BEYREUTHER, Hans BIETENHARD, *Diccionario Teológico Del Nuevo Testamento*, Vol. III, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1994, 282.

²¹ Cf. *Ibidem*.

²² Cf. *Ibidem*.

²³ Cf. Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblica, Fátima, 2001, 271.

²⁴ Na liturgia eucarística, esta expressão integra os ritos da preparação dos dons.

²⁵ Cf. BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, Esfera dos Livros, Lisboa, 2008⁴, 199.

semente” (Gn 1,29). Só o pecado acabaria por levar Deus a dificultar o acesso a esta dádiva através do trabalho duro: “Comerás o pão com o suor do teu rosto” (Gn 3,19). A partir daqui, para o povo de Israel, a abundância de pão será interpretada como uma “bênção de Deus” (Sl 37,25; 132,15; Pr 12,11), enquanto que a escassez de pão, pelo contrário, será interpretada como um castigo provocado pelo pecado (Jer 5,17; Ez 4,16s; Lam 1,11; 2,12)²⁶.

É, então, fundamental uma atitude de humildade e confiança em Deus. Só esta atitude levará o ser humano a ser saciado, a ser abençoado com o dom superabundante do alimento divino, como se verifica nos relatos da multiplicação dos pães: “comerão e ainda sobrarão” (2 Rs 4,42-44); “todos comeram e ficaram saciados” (Mt 14,20)²⁷. Também, na oração do Pai-Nosso, Jesus ao ensinar aos seus discípulos a pedir o pão de cada dia, ensina-lhes a humildade e a confiança num Deus que nunca se esquece de dar aos seus filhos os bens que só Ele pode dar. (Lc 11,9-13)²⁸. O papa Bento XVI refere, citando Cipriano, que se encontra também aqui um apelo à pobreza, porque quem pede o pão somente para o dia de hoje é pobre²⁹.

O pão é também uma dádiva escatológica para todos aqueles que comerem do pão da sua palavra e da eucaristia enquanto estiverem no mundo. Estes poderão participar um dia do banquete celestial do Reino de Deus (Lc 14,15-24)³⁰.

3.2 O pão ázimo e o pão com fermento

O pão ázimo refere-se ao pão sem levedura ou fermento, que era próprio dos antigos pastores nómadas do Próximo Oriente Antigo, habituados a contínuas mudanças por causa dos rebanhos. Na verdade, para se confeccionar pão com fermento era necessário tempo e estabilidade, devido ao uso da massa do pão velho, fabricado anteriormente, no pão novo para o fazer crescer e lhe dar mais sabor³¹. A páscoa judaica tem as suas raízes na cultura e religiosidade destes pastores nómadas, que celebravam a “festa do primeiro cordeiro” e a “festa do pão novo”. A “festa do primeiro cordeiro” era celebrada na altura da *passagem* das terras do Inverno, mais frescas e mais baixas, para as terras do Verão, mais secas e mais altas e consistia na imolação de um cordeiro em sinal de oferta às divindades. A “festa do pão novo”, posteriormente chamada de “festa dos ázimos”, consistia no oferecimento do primeiro

²⁶ Cf. Daniel SESBOÛÉ, *Pan* in Xavier LÉON-DUFOUR (dir.) *Vocabulario de Teología Bíblica*, Editorial Herder, Barcelona, 1965, 566.

²⁷ Cf. *Ibidem*.

²⁸ Cf. BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, op. cit., 200.

²⁹ Cf. *Ibidem*, 201.

³⁰ Cf. Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, op. cit., 273.

³¹ Cf. *Ibidem*, 143.

pão como sinal de agradecimento pelas colheitas e pelo início de um novo ano de colheitas. Nestas duas festas usava-se o pão sem fermento³². A novidade da Páscoa Judaica não reside, então, nos rituais que já eram próprios dos pastores e dos agricultores nómadas que habitavam aquela região, mas no acontecimento histórico da saída do povo de Deus da escravidão da terra do Egipto para a liberdade da terra prometida. É este facto que confere um novo e profundo sentido a estes rituais³³.

É por causa da cultura nómada destes pastores, anteriores ao povo de Israel, que o pão ázimo aparece no livro do Deuterónimo como o “pão da aflição” (Dt 16,3) e no livro do Êxodo como o pão da pressa da páscoa judaica: “Naquela noite, comer-se-á a carne assada no fogo com pães sem fermento e ervas amargas (...). Comê-la-eis desta maneira: os rins cingidos, as sandálias nos pés e o cajado na mão. Comê-la-eis à pressa. É a páscoa em honra do Senhor.” (Ex 12,8.11). Mas aqui o pão ázimo adquire um novo significado de renovação total de vida espiritual. Sem qualquer resto de pão velho, este pão simboliza a negação de um passado que não interessa recordar³⁴. Este é o sentido da festa dos ázimos, celebrada pelo povo de Israel e que mais tarde se juntou à festa da páscoa, em que se prescreve: “Durante sete dias comereis pães sem fermento. No primeiro dia, fareis desaparecer o fermento das vossas casas, pois todo aquele que comer pão fermentado, do primeiro dia ao sétimo, será eliminado de Israel (...). Guardareis a festa dos pães sem fermento, porque foi precisamente nesse dia, que Eu fiz sair os vossos exércitos da terra do Egipto. Guardareis este dia nas vossas gerações, como uma lei perpétua” (Ex 12,15.17).

No Novo testamento a imagem do fermento está presente nos Evangelhos e adquire, por um lado um sentido negativo, mas por outro, um sentido positivo. O sentido negativo do fermento está relacionado com a falsa doutrina e verifica-se, por exemplo, quando Jesus se refere à hipocrisia dos fariseus (Lc 12,1; (Mt 16,6.11), de Herodes (Mc 8,15) e dos Saduceus (Mt 16,6.11). O sentido positivo do fermento está relacionado com o crescimento da massa, imagem que é utilizada por Jesus para designar o rápido anúncio da boa-nova e o crescimento do Reino de Deus. A sua pregação será assim o fermento que fará crescer o Reino de Deus: «O Reino do Céu é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que tudo fique fermentado.» (Mt 13,33)³⁵.

³² Cf. *Ibidem*, 144.

³³ Cf. *Ibidem*.

³⁴ Cf. *Ibidem*.

³⁵ Cf. *Ibidem*, 147.

S. Paulo, ao referir-se a um caso de incesto na comunidade de Corinto, também atribui um sentido negativo à imagem do fermento. Pelo contrário, o pão ázimo é a imagem de uma renovação total de vida (1Cor 5,6-8). Assim, os cristãos são comparáveis ao pão ázimo e o incesto é comparável ao “fermento da malícia e da corrupção” (1Cor 5,8), o pão velho, que acaba por contaminar toda a comunidade, toda a massa do pão novo. Mas este fermento também aponta, de uma forma indireta, para aqueles que ainda vivem no Antigo Testamento. Na sua carta aos cristãos da Galácia que pretendiam abandonar a fé cristã e voltar para o judaísmo, S. Paulo questiona: “Quem foi que vos deteve, impedindo-vos de obedecer à verdade? Uma persuasão assim não vem daquele que vos chama. Um pouco de fermento faz fermentar toda a massa” (Gl 5,7-9)³⁶.

3.3 O maná

Tal como é narrado no livro do Êxodo, o maná refere-se ao “pão do céu” (Ex 16,4), o alimento diário dado por Deus ao povo de Israel durante os quarenta anos da sua travessia pelo deserto em direção à terra prometida: “eis que à superfície do deserto havia uma substância fina e granulosa, fina como geadas sobre a terra. Os filhos de Israel viram e disseram uns aos outros: “que é isto?”, pois não sabiam o que era aquilo. Disse-lhes Moisés: “Isto é o pão que o Senhor vos deu para comer.” (Ex 16,14-15). As investigações das ciências naturais, principalmente de Bodenheimer, concluíram que o maná deriva de uma planta, o tamarisco, pertencente à espécie *lecanora* que se encontra na península sinaítica, e que é granulosa, aquada, de cor branca e com sabor a mel (Ex 16,31). Trata-se da secreção produzida pelo tamarisco, chamado de *tamarix mannifera*, que cai no solo em forma de bolinhas muito doces e que se derrete com o calor do meio-dia³⁷. Para além do maná, o povo ter-se-á alimentado, também, de codornizes (Ex 16,12-13; Nm 11,31-32), de “ovelhas, bois e gado” (Ex 12,38) que trouxe consigo do Egito e de outros alimentos encontrados nos oásis onde repousavam (Ex 15,27).

O maná não é, apenas, o alimento de subsistência para o povo de Israel, mas é, também, a afirmação da glória de Deus no meio dele. Através deste alimento, Deus responde às dúvidas do seu povo que tinha murmurado contra Si (Ex 16,7). Ao mesmo tempo, Deus coloca, de forma pedagógica, o povo à prova: “Até quando recusareis guardar os meus mandamentos e as minhas leis?” (Ex 16,28). No maná, Deus encontra-se presente entre o seu povo de uma

³⁶ Cf. *Ibidem*.

³⁷ Cf. Marc-François LACAN, *Maná* in LÉON-DUFOUR, Xavier (dir.), *Vocabulário de Teologia Bíblica*, op. cit., 440.

forma eficaz (Ex 16,12), tornando-se um sinal, de tal maneira tão expressivo, que deverá ser conservado num vaso junto com as tábuas da lei na arca da aliança (Ex 16,32; 25,21; Heb 9,4) para ser visto pelas gerações futuras³⁸. Este episódio originou uma crença messiânica, segundo a qual, o Messias, quando viesse ao mundo, ao descobrir a arca da aliança, traria também o maná que se encontrava aí guardado (2 Mac 1,8)³⁹. Esta concepção pode ser, ainda, intuída na seguinte passagem do livro do Apocalipse: “Ao que sair vencedor, dar-lhe-ei a comer do maná escondido” (Ap 2,17). O maná aqui reveste-se de um caráter escatológico, já que o “vencedor” será salvo e viverá com a comida dos últimos tempos⁴⁰. Ainda sobre esta concepção, no discurso do pão no evangelho de S. João, os judeus fazem referência ao milagre do maná, esperando que Jesus se manifestasse da mesma forma. Para eles, o “segundo” libertador deveria realizar as mesmas ações que Moisés, o “primeiro” libertador (Jo 6,30-31)⁴¹. Perante este paralelismo, Jesus responde que não foi Moisés a dar o pão do céu ao povo de Israel, mas Deus por si mesmo (Jo 6,32).

As referências ao maná são uma constante na tradição judaica, nomeadamente, nos Salmos. O maná é o “pão dos céus” (Sl 105,40) dado por Deus aos seus filhos: “Fez descer o maná para comida, / dando-lhes o trigo dos céus. / Comeram todos do pão dos fortes; / mandou-lhes víveres em abundância.” (Sl 78,24-25). Também no livro da Sabedoria, o maná reflete um Deus que cuida do seu povo e está atento a todas as suas necessidades: “Deste ao teu povo um alimento dos anjos, enviaste-lhe do céu um pão, sem esforço deles, capaz de todos os sabores e adaptado a todos os gostos. Este alimento manifestava a tua doçura para com os teus filhos, já que se acomodava ao gosto de quem o comia e se transformava segundo o desejo de cada um.” (Sb 16,20-21).

3.4 Jesus, o Pão da Vida

A crença messiânica de que o salvador deveria provar a sua identidade através do pão para que todos pudessem acreditar nele, também está patente nas tentações do diabo no deserto. À primeira tentação: “Se Tu és o filho de Deus, ordena que estas pedras se convertam em pão” (Mt 4,3), Jesus responde com as palavras do livro do Deuteronomio: “Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4; cf. Dt 8,3), ultrapassando, deste modo a visão redutora desta crença. Jesus é Pão, mas também, e em

³⁸ Cf. *Ibidem*.

³⁹ Cf. Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, op. cit., 200.

⁴⁰ Cf. Friedemann MERKEL, *Pan* in Lothar COENEN, Erich BEYREUTHER, Hans BIETENHARD, *Diccionario Teológico Del Nuevo Testamento*, op. cit., 285.

⁴¹ Cf. *Ibidem*.

primeiro lugar, Palavra⁴². Como afirma Bento XVI, “trata-se de O reconhecer como realidade, uma realidade sem a qual nada mais pode ser bom”⁴³.

De facto, Jesus apresenta-se como a presença viva do Deus do Antigo Testamento, o mesmo que alimentou com o maná o povo de Israel. O episódio da multiplicação dos pães evoca esse passado, principalmente, quando o evangelista conclui: “Todos comeram e ficaram saciados” (Mt 14,19-20; cf. Ex 16,17-21). No entanto, este pão multiplicado por Jesus não pode ser confundido com o maná do deserto; ele traz em si algo de novo que se contrapõe ao maná: “Eu sou o pão da vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto, mas morreram. Este é o pão que desce do Céu; se alguém comer dele, não morrerá.” (Jo 6, 48-50). Este novo maná dado por Jesus é imensamente superior ao pão do deserto, uma vez que impede a morte. Não se trata, por isso de um pão material, nem de um pão que tem como objetivo manifestar a glória de Deus no meio da humanidade⁴⁴, mas de um pão espiritual que garante a vida eterna. Trata-se da sua carne (cf. Jo 6,51), do pão eucarístico no qual Ele se faz presente.

Todavia, para se comer deste pão será necessário a realização de um caminho espiritual que o próprio Jesus propõe: “Quem vem a mim não mais terá fome e quem crê em mim jamais terá sede” (Jo 6, 35). Nestas palavras ditas aos judeus, Jesus pressupõe a existência de uma certa distância entre si e eles. Por isso, apresenta a fé como caminho capaz de abolir toda a distância que os separa. Comer do pão implica, então, estar junto de Jesus por meio da fé⁴⁵. Tão junto, ao ponto de comungar da mesma morada e da mesma mesa: “Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e Eu nele.” (Jo 6,56). Este é já o lugar da Eucaristia, da comunhão entre Deus e a humanidade. Uma comunhão que traz em si uma vida nova.

⁴² A identificação de Deus com a Palavra atravessa toda a escritura. No relato da criação, Deus cria o mundo dizendo-o: “Deus disse: «Faça-se a luz.» E a luz foi feita” (Gn 1,3). E continua o processo de criação pela palavra até chegar à criação do homem. A palavra é, então, a verdade que principia a história do universo. No livro do Deuteronomio, Moisés, na recordação que faz da sua experiência no Sinai, fala de Deus desta forma: “O Senhor falou-vos do meio do fogo; ouvistes o som das palavras, mas não vistes figura alguma. Era uma voz apenas” (Dt 4,12). Nestas palavras, Deus é apresentado como a voz, o som da palavra, da palavra de amor que realiza o que diz, o “Eu Sou” (Ex 3,14) que dá segurança, firmeza e confiança. Também no salmo 119 [118], a palavra aparece como clarão de verdade para a vida do salmista: “A tua palavra é lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho.” No Evangelho de S. João, a palavra que se fez carne é “a luz verdadeira que a todo o homem ilumina” (Jo 1,9). Luz de amor que perpassa pelos seus gestos, pelos seus ensinamentos, pela sua entrega a toda humanidade, justamente para se converter em semente de vida nova em cada coração humano (Jo 6, 54). Deste modo, ouvir a palavra não é apenas acolher uma revelação que inquieta, que consola, que liberta, mas acolher a própria vida de Jesus Cristo.

⁴³ BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, op. cit., 65.

⁴⁴ Ver o ponto 3.2 sobre o maná, 2.º §.

⁴⁵ Cf. Xavier LÉON-DUFOUR, *Lectura del Evangelio de Juan, Jn-5-12*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1992, 125.

S. Paulo, na sua carta à comunidade de Corinto, alertando-os para os perigos da idolatria, vinca bem este pão como um “alimento espiritual” que só pode alimentar quem verdadeiramente optar por uma vida de moralidade e de intimidade com Ele (1 Cor 10,3-33). Por isso, é fundamental pôr em prática a sua Palavra e viver os valores do Evangelho. Só assim o Pão se torna presente, alimenta, dá vida nova⁴⁶.

3.5 A eucaristia

Diz Bento XVI que a eucaristia “apresenta-se como o grande e permanente encontro do homem com Deus”⁴⁷. Aí, Deus dá-se a Si próprio, de forma sacramental, como “carne” para que o Homem se possa tornar “espírito”. Sobre esta passagem, do carnal para o espiritual, as palavras de S. Paulo vêm a propósito: “o primeiro homem, Adão, foi feito um ser vivente, e o último Adão, um espírito que vivifica” (1 Cor 15,45). Por isso, a eucaristia está no centro do culto da vida cristã.

A Instrução *Eucharisticum Mysterium*, sobre o culto da sagrada eucaristia, apresenta, de forma admirável, este encontro de Deus com a humanidade em três dimensões inseparáveis: a do sacrifício, a do memorial e a do banquete. Diz o seguinte: «a missa ou Ceia do Senhor é ao mesmo tempo e de forma inseparável: sacrifício no qual se perpetua o sacrifício da cruz; memorial da morte e da ressurreição do Senhor, que disse: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19); banquete sagrado, em que, pela comunhão do corpo e sangue do senhor, o povo de Deus participa nos bens do sacrifício pascal, renova a nova aliança entre Deus e os homens selada de uma vez para sempre com o sangue de Cristo, e prefigura e antecipa na fé e na esperança o banquete escatológico no reino do Pai, anunciando a morte do Senhor até que venha»⁴⁸.

3.5.1 – Sacramento do sacrifício

Ao instituir a eucaristia, através dos símbolos do pão e do vinho, Jesus exprimiu o valor sacrificial do seu corpo e do seu sangue, obra do seu amor sem medida (cf. Jo 13,1), que horas mais tarde ofereceria na cruz: “Tomai, todos, e comei: Isto é o meu Corpo que será entregue por vós” (cf. Mt 26,26; Lc 22,19; 1 Cor 11,24). Depois, tomou nas suas mãos o cálice com vinho e disse-lhes: “Tomai, todos, e bebei: Este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e

⁴⁶ Cf. Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, op. cit., 203.

⁴⁷ BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, op. cit., 339.

⁴⁸ SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, Instrução *Eucharisticum Mysterium* (25 de maio de 1967) 3a: AAS 59 (1967) 541.

eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados” (cf. Mc 14, 24; Lc 22,20; 1 Cor 11,25). As suas palavras não se limitam a afirmar “isto é o meu corpo”, “isto é o meu sangue”, mas expressam a dádiva total de Si: “entregue por vós”, “derramado por vós” (Lc 22,19-20)⁴⁹. Em contraluz, estas palavras fazem-nos recordar o servo de YHWH, que “entregou a sua vida à morte” (Is 53,12) como um sacrifício de reparação por causa dos nossos crimes e iniquidades (cf. Is 53,5; cf. Mc 10,45). O pecado é, então, justificado através do sacrifício, antevendo-se uma nova aliança (Jr 31,31-34). Estas palavras de Jesus, também, nos fazem recordar os sacrifícios dos animais do culto judaico⁵⁰. Dando-se em sacrifício, Jesus substitui-se aos sacrifícios antigos, mas agora de uma forma única e definitiva, como alimento: “Não quiseste sacrifício nem oblação, mas preparaste-me um corpo” (Heb 10,5)⁵¹. Pode-se dizer que esta é a grande novidade de Jesus Cristo para humanidade, uma vez que consubstancia toda a riqueza do seu sacrifício no alimento do seu corpo, firmando assim uma nova aliança. Neste sentido, todos aqueles que comerem do seu corpo e beberem do seu sangue participam do seu sacrifício, isto é, da dinâmica do seu amor operante nas suas vidas que os conduz à esperança da ressurreição⁵².

O sentido sacrificial da vida e morte de Jesus Cristo é afirmado claramente em S. Paulo quando diz, por exemplo, que Cristo foi imolado” (Cf. 1 Cor 5,7), que se entregou “a Deus por nós como oferta e sacrifício de agradável odor” (Ef 5,2) ou que “Deus ofereceu-o para, nele, pelo seu sangue, se realizar a expiação que atua mediante a fé” (Rm 3,25). Também, a carta aos Hebreus afirma esta dimensão sacrificial, de forma explícita, quando refere que Cristo “entrou uma só vez no Santuário, não com o sangue de carneiros ou de vitelos, mas com o seu próprio sangue, tendo obtido uma redenção eterna” que purifica verdadeiramente do pecado, e tornando-se o “mediador de uma nova aliança” (Heb 9,12-15).

⁴⁹ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucaristia* (17 de abril de 2003) 12: AAS 95 (2003) 441.

⁵⁰ No antigo testamento, o sacrifício expressa a doação plena do homem a Deus em obediência, amor e fidelidade, através de uma oferenda ou da destruição de vítimas (animais) no templo por meio de um sacerdote, em ordem à expiação e ao perdão dos pecados, assim como a uma renovação e comunhão de vida com Deus. Cf. Dionisio BOROBIÓ, *Eucaristia*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000, 242.

⁵¹ BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, op. cit., 338.

⁵² Cf. Paul BEAUCHAMP, *Eucaristia* in Xavier LÉON-DUFOUR (dir.) *Vocabulario de Teología Bíblica*, op. cit., 272. João Paulo II, na encíclica *Ecclesia de Eucharistia* afirma que “a Igreja vive continuamente do sacrifício redentor, e tem acesso a ele não só através duma lembrança cheia de fé, mas também com um contacto atual, porque *este sacrifício volta a estar presente*, perpetuando-se, sacramentalmente, em cada comunidade que o oferece pela mão do ministro consagrado. Deste modo, a Eucaristia aplica aos homens de hoje a reconciliação obtida de uma vez para sempre por Cristo para humanidade de todos os tempos. Com efeito, «o sacrifício de Cristo e o sacrifício da Eucaristia são *um único sacrifício*».” JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucaristia* (17 de abril de 2003) 12: AAS 95 (2003) 441.

3.5.2 – Memorial da Páscoa

Jesus, após expressar o valor sacrificial do seu corpo e sangue, através dos sinais do pão e do vinho, ordenou aos seus discípulos: “Fazei isto em memória de Mim” (Lc 22,19). Para entendermos convenientemente não só esta expressão, mas também a eucaristia é necessário, em primeiro lugar, deter-nos no conceito de memorial, a partir do termo grego *anamnesis*. Ao contrário de algumas concepções resultantes, ao longo da história, do encontro do cristianismo com o helenismo, memorial não significa uma mera recordação do passado, vazia de conteúdo, ou uma repetição do que Jesus tinha feito na última ceia, mas, como os Padres da Igreja diziam, uma “representação” d’Ele mesmo⁵³.

No Antigo Testamento, a concepção de memorial assenta na palavra hebraica *zikkaron* da liturgia pascal judaica⁵⁴. Sobre esta concepção importa referir dois aspetos fundamentais. Em primeiro lugar, a vinculação de memorial ao “nome”. Neste sentido, o ser humano sobrevive se o seu nome for lembrado por Deus (2 Sm 18,18; Is 56,5; Ecl 9,5), e sofre o maior castigo se o seu nome for apagado da memória de Deus (Dt 32,26; 29,19-20; Sal 69,29). Em segundo lugar, o conceito de memorial, ao libertar-se de uma compreensão cíclica e repetitiva da história, própria das religiões pagãs, começou a ser entendido como ponte entre o passado, o presente e o futuro⁵⁵. Tendo em conta estes aspetos fazer memória, não significa apenas, recordar as grandes maravilhas que o nome de YHWH traz em si, em especial a libertação da terra do Egito e a aliança, mas tornar presente esses acontecimentos de modo implicativo e eficaz através de palavras e ritos que expressam uma renovação da confiança e fidelidade em Deus⁵⁶. No Novo Testamento, Jesus celebra a última ceia num contexto de memorial pascal, consciente da importância e do significado desta comemoração na tradição judaica. Por isso, adota este rito, mas dando-lhe um novo conteúdo e um novo significado. Agora, a celebração do memorial pascal já não significava atualizar a libertação do Egito e a aliança no Sinai, mas Ele mesmo, através de uma nova liturgia. Como o catecismo da igreja católica refere: “Ao ordenar que repetissem os seus gestos e palavras, «até que Ele venha» (1 Cor 11,26), Jesus não pede somente que se lembrem d’Ele e do que Ele fez. Tem em vista a celebração litúrgica, pelos apóstolos e seus sucessores, do *memorial* de Cristo, da sua vida, morte, ressurreição e da sua intercessão junto do Pai”⁵⁷.

⁵³ Cf. Dionisio BOROBIÓ, *Eucaristia*, op. cit., 153.

⁵⁴ Cf. *Ibidem*, 156.

⁵⁵ Cf. *Ibidem*.

⁵⁶ Cf. *Ibidem*, 157.

⁵⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Assafarge, 2000², n.º 1341, 302.

A eucaristia é, então, a celebração litúrgica do memorial da páscoa de Cristo que a torna presente e atual⁵⁸. Segundo Dionisio Borobio, na eucaristia encontram-se, num mesmo ponto de concentração, o passado salvífico (conteúdo da memória), o presente atual (comunidade celebrante) e o futuro escatológico (convite messiânico). Portanto, a partir desta “contemporaneidade”, a páscoa de Cristo não é apenas um acontecimento histórico, mas também um acontecimento meta-histórico. Significa isto que a Eucaristia, como celebração do memorial pascal, é presença dinâmica e implicativa de Cristo no seio da comunidade concreta, que espera pela sua vinda em plenitude, pela chegada definitiva do seu Reino⁵⁹. João Paulo II, na encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, vinca com clareza esta verdade da fé: “Quando a Igreja celebra a Eucaristia, memorial da morte e ressurreição do seu Senhor, este acontecimento central de salvação torna-se realmente presente e «realiza-se também a obra da nossa redenção». Este sacrifício é tão decisivo para a salvação do género humano que Jesus Cristo realizou-o e só voltou ao Pai *depois de nos ter deixado o meio para dele participarmos* como se tivéssemos estado presentes. Assim cada fiel pode tomar parte nela, alimentando-se dos seus frutos inexauríveis”⁶⁰.

3.5.3 – Banquete Fraternal

“A Eucaristia é verdadeiro banquete, onde Cristo Se oferece como alimento”⁶¹. Não se trata de um alimento em sentido metafórico, mas como o próprio Jesus afirmou, de um alimento verdadeiro: “a minha carne é uma verdadeira comida, e o meu sangue é uma verdadeira bebida” (Jo 6,55)⁶². O sacrifício de Cristo toma assim a forma de banquete, de união íntima e fraterna dos cristãos com Cristo, na mesma mesa, em comunhão⁶³. Por isso, a eucaristia é o sacramento da ceia do Senhor (1 Cor 11,20), a fração do pão, em que Jesus,

⁵⁸ O Catecismo da Igreja Católica expressa com clareza o carácter memorial da eucaristia: “A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo, a atualização e a oferenda sacramental do seu único sacrifício, na liturgia da Igreja que é o seu corpo. Em todas as orações eucarísticas encontramos, depois das palavras da instituição, uma oração chamada *anamnese* ou memorial”. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, op. cit., n.º 1362, 307.

⁵⁹ Cf. Dionisio BOROBIO, *Eucaristia*, op. cit., 153-154.

⁶⁰ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (17 de abril de 2003), 11: AAS 95 (2003) 440. Sobre a presença viva e dinâmica de Cristo na eucaristia importa referir o Catecismo da Igreja Católica: “o mistério pascal de Cristo não pode ficar somente no passado, já que pela sua morte, Ele destruiu a morte; e tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente. O acontecimento da cruz e da ressurreição *permanece* e atrai tudo para a vida.” CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, op. cit., n.º 1085, 250.

⁶¹ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (17 de abril de 2003), 16: AAS 95 (2003) 444.

⁶² Cf. *Ibidem*.

⁶³ Na sua perspectiva teológica do banquete, Dionisio Borobio refere que um banquete é algo mais do que saciar a fome e a sede. Não é um ato individual, mas uma festa em comunhão que congrega a família, os amigos, os convocados e a comunidade. Cf. Dionisio BOROBIO, *Eucaristia*, op. cit., 188.

através de gestos, palavras e símbolos, se faz presente no meio dos seus fiéis. Diz o Catecismo da Igreja Católica que “a Missa é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, o memorial sacrificial em que se perpetua o sacrifício da cruz e o banquete sagrado da comunhão do corpo e sangue do Senhor. Mas a celebração do sacrifício eucarístico está toda orientada para a união íntima dos fiéis com Cristo pela comunhão. Comungar é receber o próprio Cristo, que Se ofereceu por nós”⁶⁴.

Já nos banquetes sagrados dos gregos e na ceia pascal dos judeus, o pão e o vinho são símbolos de uma comunhão ou aliança com o divino. Detendo-nos no Antigo Testamento, logo no livro dos Génesis, encontramos esta comunhão no pão e no vinho que é oferecido como sacrifício ao Altíssimo por Melquisedec (Gn 14,8). Também a encontramos no pão ázimo que comemora a saída apressada do Egito, nos “pães da oferenda”⁶⁵ que se depositavam sobre o altar no templo de Jerusalém e no maná do deserto, símbolo da presença de Deus no meio do seu povo⁶⁶. Pão e Vinho são também sinal do banquete escatológico, de uma refeição com Deus e preparada por Deus: “Vinde, comei do meu pão e bebei do vinho que preparei” (Pr 9,5).

Tendo em conta o que foi dito anteriormente, compreende-se bem que não é por acaso que Jesus assume o pão e o vinho como símbolos na última ceia. Se por um lado, são sinais do banquete, da festa e da comida fraterna, por outro, são sinais do banquete escatológico, definitivo, que inaugura o novo Reino. Por isso, S. Paulo escreve: “Todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (1 Cor 11,26). E o Catecismo da Igreja Católica refere que “o próprio Senhor chamou a atenção dos seus discípulos para a consumação da Páscoa no Reino de Deus: «Eu vos digo que não voltarei a beber deste fruto da videira, até o dia em que beberei convosco o vinho novo no Reino do meu Pai» (Mt 26,29). Sempre que a Igreja celebra a Eucaristia, lembra-se desta promessa, e o seu olhar volta-se para «Aquele que vem» (Ap 1, 4). Na sua oração, ela clama pela sua vinda: «*Marana tha*» (1Cor 16,22), «Vem, Senhor Jesus!»” (Ap 22,20)⁶⁷.

⁶⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, op. cit., n.º 1382, 312.

⁶⁵ Os “pães da oferenda”, também designados “pães da proposição”, referem-se aos doze pães ázimos, símbolo da presença das doze tribos de Israel, que eram colocados sobre uma mesa especial, como oferenda, diante do Santo dos Santos (Ex 25,30). Cf. Friedemann MERKEL, *Pan* in Lothar COENEN, Erich BEYREUTHER, Hans BIETENHARD, *Diccionario Teológico Del Nuevo Testamento* op. cit., 282.

⁶⁶ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, op. cit., n.º 1334, 301. Sobre o carácter simbólico do pão na cultura judaica, consultar os pontos 3.1, 3.2 e 3.3 deste primeiro capítulo.

⁶⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, op. cit., n.º 1403, 316.

CAPÍTULO II - PESSOAS COM FOME: UM ESCÂNDALO QUE LESA A HUMANIDADE

Se o pão é princípio de vida, a fome é princípio de morte. Por isso, a existência de pessoas com fome é, em termos de direitos humanos, um crime de lesa-humanidade face ao qual ninguém pode ficar indiferente, nem inativo. Todos devem tomar verdadeira consciência das suas causas, para se empenharem na construção de um mundo onde haja pão para todos. Este dever passa também pela criação de uma nova consciência e de uma nova atitude face ao desperdício alimentar que se verifica nos países ricos.

1. A fome no mundo e suas causas

O Papa Paulo VI, na carta encíclica *Populorum Progressio* sobre o desenvolvimento dos povos em 1967, observava que ninguém pode ignorar os “inumeráveis homens e mulheres torturados pela fome” e as “inumeráveis crianças subalimentadas”, a ponto de muitas morrerem em tenra idade e de outras correrem perigo no seu desenvolvimento físico e mental. E concluía: “todos sabem que regiões inteiras estão, por este mesmo facto, condenadas ao mais triste desânimo”⁶⁸. Passados mais de quarenta anos da publicação deste documento, apesar de alguns avanços, esta realidade dramática está longe de ser erradicada, conforme constatou Bento XVI na encíclica *Caritas in Veritate*: “a fome ceifa ainda inúmeras vítimas entre os muitos Lázarus, a quem não é permitido (...) sentar-se à mesa do rico avarento”⁶⁹.

Segundo o relatório *Global Hunger Index* (Índice Global de Fome) referente ao ano de 2012, a fome mundial tem diminuído, globalmente, desde 1991. Os casos mais significativos estão no sul da Ásia e na África subsariana. No que respeita ao sul do continente asiático, entre 1991 e 1996, a quantidade de pessoas com fome baixou consideravelmente, não tendo contudo na década seguinte, continuado a baixar ao mesmo ritmo. Quanto à África subsariana, verificam-se também ligeiros progressos na diminuição do número de pessoas com fome; no entanto, persistem vinte países onde este número é considerado extremamente alarmante⁷⁰.

⁶⁸ PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum progressio* (26 de março de 1967) 45: AAS 59 (1967) 279.

⁶⁹ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) 27: AAS 101 (2009) 661.

⁷⁰ Cf. AA.VV., 2012 - *Global hunger index, The challenge of hunger: ensuring sustainable food security under land, water, and energy stresses*, Welthungerhilfe / International Food Policy Research Institute (IFPRI) / Concern Worldwide, Bonn / Washington, DC / Dublin, 2012, 11-19. Neste relatório (pág.9), diz-se que a fome é, geralmente, interpretada como um desconforto provocado pela falta de alimentos. Citando a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), define a fome como a privação de alimentos ou “desnutrição”. Especificamente, a fome equivale ao consumo de menos de cerca de 1.800 quilocalorias por dia, o

“Os pobres são as primeiras vítimas da subnutrição e da fome no mundo”⁷¹. E dentro desta população, as primeiras vítimas são sempre as pessoas mais frágeis, como as crianças, as mulheres grávidas ou em período de amamentação, os doentes e os idosos⁷².

Existem fatores naturais, como as alterações climáticas e as catástrofes naturais, que estão na origem de diversas situações de escassez alimentar, no entanto, estes fatores estão longe de ser a única justificação para a fome no mundo. As causas humanas são as que mais explicam esta realidade, entre as quais, sobressaem as causas económicas, socioculturais e políticas⁷³.

Quanto às causas económicas, é importante referir que a fome deriva, antes de mais, do poder de compra das pessoas. Portanto, ela não deve ser entendida como uma fatalidade, mas como um resultado de políticas económicas inadequadas e injustas, até dos países desenvolvidos, que acabam, muitas vezes, por atingir indiretamente todos aqueles que carecem de bens alimentares nos países em vias de desenvolvimento. A existência de organismos públicos ou privados em situação de monopólio também acaba por travar o desenvolvimento, em vez de o incrementar. Por detrás destas opções económicas, estão razões eticamente reprováveis: a busca egoísta do dinheiro, do poder, da imagem pública, da perda do sentido de serviço à comunidade e da corrupção⁷⁴. Bento XVI na carta encíclica *Caritas in Veritate*, apresenta como grande causa da fome, “a falta de um sistema de instituições económicas que seja capaz de garantir um acesso regular e adequado, do ponto de vista

mínimo que a maioria das pessoas necessita para viver uma vida saudável e produtiva. A “subnutrição” situa-se bastante abaixo deste mínimo de calorias, significando carência de energia, proteínas, vitaminas essenciais e de minerais. A “malnutrição” refere-se, de forma mais ampla, quer à desnutrição (deficiência alimentar), quer à sobrenutrição (dietas desequilibradas, como o consumo de muitas calorias em relação aos requisitos, com ou sem baixa ingestão de alimentos ricos em micronutrientes).

⁷¹ PONTIFÍCIO CONSELHO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário* (4 de outubro de 1996) 7. Documento consultado em 20 de abril de 2013 no sítio eletrónico da Santa Sé (www.vatican.va).

⁷² Cf. *Ibidem*.

⁷³ Cf. *Ibidem*, 9.

⁷⁴ Cf. *Ibidem*, 10. Acerca deste assunto, Bento XVI, na sua mensagem para o 46.º Dia Mundial da Paz referente ao ano de 2013, critica, de forma clara, o modelo económico que tem imperado no mundo, apresentando, logo de seguida, um novo modelo que busque um desenvolvimento verdadeiramente humano: “O modelo que prevaleceu nas últimas décadas apostava na busca da maximização do lucro e do consumo, numa ótica individualista e egoísta que pretendia avaliar as pessoas apenas pela sua capacidade de dar resposta às exigências da competitividade. Olhando de outra perspetiva, porém, o sucesso verdadeiro e duradouro pode ser obtido com a dádiva de si mesmo, dos seus dotes intelectuais, da própria capacidade de iniciativa, já que o desenvolvimento económico suportável, isto é, autenticamente humano tem necessidade do princípio da gratuidade como expressão de fraternidade e da lógica do dom. Concretamente na atividade económica, o obreiro da paz aparece como aquele que cria relações de lealdade e reciprocidade com os colaboradores e os colegas, com os clientes e os usuários. Ele exerce a atividade económica para o bem comum, vive o seu compromisso como algo que ultrapassa o interesse próprio, beneficiando as gerações presentes e futuras. Deste modo sente-se a trabalhar não só para si mesmo, mas também para dar aos outros um futuro e um trabalho dignos.” BENTO XVI, *Mensagem para o 46.º Dia Mundial da Paz de 2013 – Bem-aventurados os obreiros da paz* (8 de dezembro de 2012). Documento consultado a 25 de abril de 2013 no *site* da Santa Sé (www.vatican.va).

nutricional, à alimentação e à água e, também, de enfrentar as carências relacionadas com as necessidades primárias e com a emergência de reais e verdadeiras crises alimentares provocadas por causas naturais ou pela irresponsabilidade política nacional e internacional”⁷⁵.

No que se refere às causas socioculturais, salientam-se os tabus alimentares, a posição familiar e social da mulher, o insuficiente conhecimento que muitos povos têm acerca das técnicas de nutrição, o analfabetismo, a maternidade em idade precoce e a precariedade do emprego. Estes fatores são devastadores nos países em vias de desenvolvimento, mas também estão presentes nos países desenvolvidos, gerando pessoas com fome, lado a lado com pessoas que vivem na abundância⁷⁶. Acerca do analfabetismo, o papa Paulo VI na encíclica *Populorum Progressio* afirmava que “a fome de instrução não é menos deprimente que a fome de alimentos: um analfabeto é um espírito subalimentado. Saber ler e escrever, adquirir uma formação profissional, é ganhar confiança em si mesmo e descobrir que pode avançar junto com os outros”⁷⁷. Na realidade, só pode haver crescimento económico se houver crescimento social, o qual resulta, em primeiro lugar, da educação. Em qualquer sociedade, educar é o alicerce fundamental de desenvolvimento pessoal, social e económico⁷⁸.

No que diz respeito às causas políticas, a história recente mostra-nos diversos casos de fome no mundo originados por uma ação política desvirtuada do seu sentido primário de criar condições para uma vida melhor. A situação atual da Coreia do Norte é um exemplo claro da privação de alimentos. Segundo o jornal britânico *The Sunday Times*, estima-se que em 2012 tenham morrido à fome pelo menos 10 milhões de pessoas, devido às políticas repressivas deste país⁷⁹. Ao longo do século XX, não nos podemos esquecer, também, dos oito milhões de camponeses ucranianos mortos devido à privação sistemática de alimentos por Estaline em 1930 e dos deslocamentos forçados das populações na Etiópia na década de oitenta, provocadas pelo partido único de governo. Para além destes casos, a concentração de riqueza e de poder limitados a uma determinada franja da sociedade, é outro exemplo de uma ação política que se esquece de todas as pessoas e que se verifica, principalmente, nos países com um desenvolvimento económico desequilibrado⁸⁰.

⁷⁵ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009), 27: AAS 101 (2009) 661.

⁷⁶ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO “COR UNUM”, *A fome no mundo...*, op. cit., 13.

⁷⁷ PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967) 35: AAS 59 (1967) 274-275.

⁷⁸ Cf. *Ibidem*.

⁷⁹ Esta notícia foi publicada no dia 27 de janeiro de 2013 e foi consultada em 3 de maio no seguinte endereço eletrónico: http://www.thesundaytimes.co.uk/sto/news/world_news/Asia/article1202322.ece.

⁸⁰ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO “COR UNUM”, *A fome no mundo...*, op. cit., 16.

2. O desperdício alimentar

“Os povos da fome dirigem-se hoje, de modo dramático, aos povos da opulência”⁸¹. Esta expressão de Paulo VI na encíclica *Populorum Progressio* ainda é atual, e mostra bem o fosso alimentar alarmante que se observa no mundo: por um lado, pessoas a morrer à fome e, por outro, pessoas que desperdiçam alimentos. Por isso, o desperdício alimentar constitui um tema de grande pertinência atual para que se crie uma nova consciência aliada a uma nova atitude no ato de consumir por parte dos “povos da opulência”.

Segundo o estudo *Global food losses and food waste*⁸², cerca de um terço dos alimentos que se produzem a cada ano no mundo para o consumo humano perde-se⁸³ ou desperdiça-se. Entre outras conclusões, salientam-se as seguintes:

- a) A cada ano que passa, os consumidores dos países ricos desperdiçam a mesma quantidade de alimentos que a totalidade da produção alimentar da África subsariana;
- b) As frutas e as hortaliças, assim como os tubérculos, são os alimentos com a taxa mais alta de desperdício;
- c) A quantidade de alimentos que se perde ou se desperdiça em cada ano equivale a mais de metade da colheita mundial de cereais⁸⁴.

Uma das razões que justifica o desperdício alimentar nos países ricos, reside nas excessivas normas de qualidade referentes aos padrões estéticos dos alimentos. No entanto, o mesmo estudo defende que os consumidores têm o poder de influenciar estes padrões de qualidade, uma vez que há pesquisas indicativas de que estes consumidores estão dispostos a comprar produtos que não atendam aos requisitos de aparência, desde que sejam seguros e que mantenham o sabor. Outra razão apontada refere-se ao facto dos consumidores dos países ricos serem frequentemente encorajados a comprar a mais do efetivamente necessário, através de promoções do tipo “leve três, pague dois”⁸⁵.

⁸¹ PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967) 3: AAS 59 (1967) 258.

⁸² Este estudo foi encomendado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) ao Instituto sueco de Alimentos e Biotecnologia (SIK) para o Congresso Internacional *Save Food!*, ocorrido em Düsseldorf (Alemanha), nos dias 16 e 17 de março de 2011. Cf. AA.VV., *Global food losses and food waste. Extent, causes and prevention*, Food and Agriculture Organization of the United Nations, Rome, 2011.

⁸³ Neste estudo as perdas de alimentos são distinguidas do desperdício de alimentos. As perdas, que podem ocorrer na fase de produção, colheita, pós-colheita e processamento, são maiores nos países em desenvolvimento, devido à falta de infraestruturas, baixo nível tecnológico e da falta de investimento em sistemas de produção de alimentos. Cf. AA.VV., *Global food losses and food waste...*, op. cit., 2.

⁸⁴ Cf. *Ibidem*, 4-7.

⁸⁵ Cf. *Ibidem*, 11-14.

Tendo em conta esta realidade, este relatório apresenta, como pontos de partida para a mudança de atitudes de consumo, a educação nas escolas e as iniciativas políticas⁸⁶. Com um planeta limitado em termos de disponibilidade de recursos naturais e uma demografia crescente da população, torna-se imperativo consciencializar os “povos da opulência” para a redução do desperdício alimentar. Já o papa João Paulo II chamava a atenção dos cristãos para o combate à “cultura do desperdício”, quer através da educação para o bom uso dos bens, que não deve esquecer os limites dos recursos disponíveis nem a pobreza de tantos seres humanos, quer através do dever da partilha fraterna⁸⁷.

3. A luta contra a fome

Na carta encíclica *Caritas in Veritate*, Bento XVI afirma que “dar de comer aos famintos (cf. Mt 25,35.37.42) é um imperativo ético para toda a Igreja”⁸⁸. Portanto, ninguém pode ficar indiferente a este apelo que parte do próprio Deus⁸⁹, uma vez que tal indiferença provocará a morte de pessoas com fome. No episódio de Caim e Abel, a pergunta de Deus a Caim, de alguma forma, aplica-se hoje à consciência de todos os seres humanos: “Que fizeste? A voz do teu sangue clama da terra até Mim” (Gn 4,10)⁹⁰. Um coração compassivo, consciente da necessidade do outro e da prioridade do outro, é, então, um dever que se impõe a todos os seres humanos. Só a partir daqui a solidariedade e a partilha são possíveis. Por outro lado, num mundo globalizado, a eliminação da fome torna-se uma condição indispensável para a preservação da paz e da subsistência da humanidade⁹¹.

Todavia, é importante referir, também, que não basta haver uma sensibilidade ou uma consciência acerca do drama da fome no mundo. Por si só, esta sensibilidade e esta consciência não são capazes de alterar a realidade. S. Tiago, na sua carta, é claro: “Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem do alimento quotidiano e algum de vós lhes disser: ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos, sem lhes dar o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará?” (Tg 2,15). Torna-se fundamental, então, a vivência da caridade. Como o papa Bento XVI refere, “a caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com a sua vida terrena e sobretudo com a sua morte e ressurreição, é a força propulsora principal para o

⁸⁶ Cf. *Ibidem*, 16.

⁸⁷ Cf. JOÃO PAULO II, *Jubileu do Mundo Agrícola. Discurso do Santo Padre durante o encontro festivo* (11 de novembro de 2000) 8: AAS 93 (2001) 201.

⁸⁸ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) 27: AAS 101 (2009) 661.

⁸⁹ PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967) 74: AAS 59 (1967) 293.

⁹⁰ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO “COR UNUM”, *A fome no mundo...*, op. cit., 2.

⁹¹ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) 27: AAS 101 (2009) 661.

verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira”⁹². Assim, cada cristão é chamado a amar, “não com palavras nem com a boca, mas com obras e com a verdade” (1 Jo 3,18). Só desta forma pode compreender, realmente, a revelação do amor absoluto como impulso ao serviço de toda a humanidade⁹³: “se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros” (1 Jo 4,11).

Não é por acaso que a organização oficial da Igreja para a promoção de ação social se chama *Caritas*. Esta instituição, presente em numerosos países do mundo, sob o impulso das conferências episcopais nacionais, tem agido sob o impulso deste amor, não só contra a fome, mas também contra a pobreza⁹⁴. Para além da *Caritas*, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) é outra instituição de grande relevo mundial centrada no combate à fome e na segurança alimentar das populações.

A luta contra a fome, para além de responder às necessidades de emergência, deve ser levada a cabo numa perspectiva de longo prazo. Não basta, portanto, os investimentos públicos ou privados, as dádivas das pessoas sensibilizadas para esta causa, mas sobretudo uma estratégia⁹⁵ que vise, por um lado, eliminar as causas estruturais que estão na raiz deste grave problema, e por outro, promover o desenvolvimento agrícola, através de investimentos em infraestruturas rurais, sistemas de irrigação, transportes, organização dos mercados, formação e difusão de técnicas agrícolas que sejam capazes de otimizar os recursos humanos, naturais e socioeconómicos, de modo a garantir a sua manutenção a longo prazo⁹⁶. De forma mais ampla, o papa Paulo VI, refere que o combate à fome deve passar pela construção de “um mundo em que todos os homens, sem exceção de raça, religião ou nacionalidade, possam viver uma vida plenamente humana (...); um mundo em que a liberdade não seja uma palavra vã e em que o pobre Lázaro possa sentar-se à mesa do rico”⁹⁷. Neste sentido, defende que

⁹² BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) 1: AAS 101 (2009) 641.

⁹³ Hans Urs von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, col. Teofânias, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008, 95.

⁹⁴ Cf. PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967) 46: AAS 59 (1967) 280. O papa Francisco, na receção da comissão executiva da Caritas Internacional para audiência no dia 16 de maio de 2013, definiu este organismo do seguinte modo: “A *Caritas* é a carícia da Igreja ao seu povo, o carinho da Mãe Igreja aos seus filhos, a ternura e a proximidade. A busca da verdade e o estudo da verdade católica são outras dimensões importantes da Igreja, e isso é feito pelos teólogos. Depois se transforma em catequese e exegese. A *Caritas* é o amor da Mãe Igreja, que se aproxima, acaricia e ama.” Texto consultado em 17 de maio de 2013 no seguinte endereço eletrónico: <http://www.news.va/pt/news/papa-a-caritas-internacional-a-caritas-e-o-amor-da>.

⁹⁵ Na carta encíclica *Populorum Progressio*, Paulo VI, refere que estes esforços têm que ser enquadrados em programas bem organizados para atingirem eficácia. Isto exige a realização de estudos aprofundados, fixação de objetivos, determinação de meios e conjugação de esforços. Procedendo deste modo, ultrapassa-se as perspetivas do crescimento económico e do progresso social e dá-se sentido e valor à obra que se pretende realizar. Cf. PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967) 50: AAS 59 (1967) 282.

⁹⁶ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) 27: AAS 101 (2009) 662.

⁹⁷ PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967) 47: AAS 59 (1967) 280.

cada povo deve produzir mais e melhor, para que possa implementar um nível de vida verdadeiramente humano e, ao mesmo tempo, dedicar uma parte da sua produção para o socorro de povos que se encontrem em situação de indigência. Este dever de solidariedade, também deve passar também pela capacitação de educadores, engenheiros, técnicos e sábios capazes de colocar a ciência e a competência ao serviço destes povos⁹⁸.

Na luta contra a fome, há outro aspeto de máxima importância que não deve ser esquecido e que Bento XVI focou na carta encíclica *Caritas in Veritate*. Trata-se do envolvimento das populações locais no seu processo de desenvolvimento agrícola, nomeadamente, nas opções e nas decisões relativas ao uso da terra cultivável. Deste modo, devem ser consideradas, também, as técnicas tradicionais de produção agrícola, a par das técnicas inovadoras que se reconheçam oportunas, respeitem o ambiente e se enquadrem às populações locais⁹⁹.

⁹⁸ Cf. PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967) 48: AAS 59 (1967) 281.

⁹⁹ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) 27: AAS 101 (2009) 662.

CAPÍTULO III – PÃO PARA TODOS: UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA

No primeiro capítulo, compreendemos o pão como um dom, destinado a ser dividido e repartido por todos na mesma mesa. Este pão, entendido como alimento essencial, é um direito fundamental de todas as pessoas. Porém, é constrangedora a realidade atual, de pessoas excluídas dessa mesa, de pessoas com fome e sem qualquer horizonte de vida, tal como vimos no segundo capítulo. Perante esta situação, só a caridade é capaz de implementar justiça e colocar todos ao redor da mesma mesa. Cristo deu ao mundo o verdadeiro amor que oferece justiça, que cria união e intimidade, que transforma e que ultrapassa a barreira da morte. Por isso, é dever de todos os cristãos “encarnar” este amor na humanidade. Só este amor é justo, salva e é para sempre.

1. A alimentação, um direito de todos

Tal como foi abordado no capítulo anterior, a luta contra a fome responde ao imperativo ético, que vem de Deus, de preservar a vida humana através da implementação de uma ajuda que vise o acesso à alimentação. Esta obrigação tem-se manifestado no trabalho de muitas instituições socio-caritativas, mas também na ação política de muitos países. Se o direito à vida é fundamental, então, o direito à alimentação também adquire a mesma qualificação. O papa Bento XVI na carta encíclica *Caritas in Veritate* releva a importância primordial deste direito, a par do direito à água, pelo facto de estar intimamente relacionado com o direito à vida. Por isso, defende “a maturação duma consciência solidária que considere a alimentação e o acesso à água como direitos universais de todos os seres humanos, sem distinções nem discriminações”¹⁰⁰. A integração deste direito na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948¹⁰¹ e a sua consagração no Pacto Internacional de Direitos Económicos, Sociais e Culturais de 1966, assim como por tratados, convenções e constituições nacionais é, também, um reconhecimento desta mesma importância. Na verdade, todos os seres humanos, independentemente da sua raça, cor, sexo, língua, religião, origem, posição política, condição

¹⁰⁰ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) 27: AAS 101 (2009) 662.

¹⁰¹ O direito à alimentação consta no ponto 1 do artigo n.º 25 da declaração dos direitos humanos do seguinte modo: “Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade.” Informação consultada no site oficial da Organização das Nações Unidas em “<http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>” em 16 de maio de 2013.

física e psicológica, capacidade económica, têm direito a uma alimentação adequada e ao direito de viver sem fome¹⁰².

Para compreendermos, de forma clara, o que significa o direito à alimentação, importa apresentar a definição dada por Olivier De Schutter, relator especial das Nações Unidas para o direito à alimentação, no folheto informativo do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos. O direito à alimentação é, segundo ele, o “direito a ter acesso, de forma regular, permanente e livre, seja diretamente, seja mediante compra em dinheiro, a uma alimentação quantitativamente e qualitativamente adequada e suficiente, que corresponda às tradições culturais da população a que pertence o consumidor e que garanta uma vida psíquica e física individual e coletiva, livre de angústias, satisfatória e digna”¹⁰³. Tendo em conta esta definição, importa destacar três elementos fundamentais no direito à alimentação: a disponibilidade, a acessibilidade e a adequação do alimento.

No que se refere à disponibilidade, implica que, por um lado, a alimentação possa ser obtida a partir de recursos naturais, mediante a produção de alimentos pelo cultivo da terra ou pela criação de gado, ou mediante outras formas de se obter alimento, como a pesca ou a caça; por outro lado, implica que os alimentos devem estar disponíveis para venda nos mercados. Quanto à acessibilidade, significa que deve estar garantido o acesso físico e económico à alimentação sem comprometer as outras necessidades básicas, tais como a compra de medicamentos ou da renda habitacional. Significa, também, que a alimentação deve estar acessível às pessoas que vivem em regiões remotas, às vítimas de guerra ou de catástrofes naturais, aos prisioneiros, mas também àquelas pessoas mais vulneráveis fisicamente, como as crianças, os doentes, os idosos e os portadores de deficiência. No que diz respeito à adequação do alimento, significa que a alimentação deve atender às necessidades de dieta da pessoa, tendo em conta a sua idade, as suas condições de vida, a sua saúde, a sua ocupação, entre outros fatores. Por exemplo, se a alimentação das crianças não contém os nutrientes necessários para o seu desenvolvimento físico e mental não é adequada; da mesma forma,

¹⁰² Cf. OFICINA DEL ALTO COMISIONADO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LOS DERECHOS HUMANOS, *El derecho a la alimentación adecuada*, Folheto informativo n.º 34, Ginebra (june 2010) 1.

¹⁰³ *Ibidem*, 3. Na sua intervenção na IX Conferência de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade de Países de Língua Portuguesa em julho de 2012 em Maputo, Olivier De Schutter, referindo-se à legislação relativa ao direito à alimentação, salienta que este direito deve ser compreendido não apenas como um símbolo para o combate à fome e à desnutrição, mas também como “um poderoso modo de traduzir em obrigações legais o que é frequentemente visto como meros imperativos morais. O direito à alimentação é uma ferramenta. Ele é operacional. Ele melhora a eficácia e a sustentabilidade das intervenções na área da segurança alimentar.” ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS DIREITOS HUMANOS, *Intervenção de Olivier De Schutter, Relator Especial da ONU para o direito à alimentação*, IX Conferência de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, Maputo, 20 de julho de 2012.

uma alimentação com grande densidade energética, mas com pouco valor nutritivo e que conduz à obesidade, também não é adequada. Ainda neste âmbito da adequação alimentar, refira-se que os alimentos devem ser seguros para o consumo humano, livres de substâncias nocivas resultantes dos processos agrícolas ou industriais de produção, e culturalmente aceitáveis, ajustados às tradições culturais e religiosas dos povos¹⁰⁴.

Tendo em conta tudo o que já foi referido, acresce ainda vincar que o direito à alimentação não é o mesmo que o direito a ser alimentado. Nesta perspetiva os governos seriam obrigados a darem alimentos, de forma gratuita, aos necessitados, o que poderia causar dependência. No direito à alimentação espera-se que as pessoas satisfaçam as suas necessidades com o seu próprio esforço, utilizando os seus próprios recursos. Neste sentido, o papel dos governos não consiste em dar alimentos, mas em criar condições para que as pessoas possam produzir ou adquirir alimentação adequada para si mesmas e para as suas famílias. Só em caso de guerra ou de catástrofe natural é que tal situação se justifica e se impõe¹⁰⁵.

2. Os valores da partilha: justiça e caridade

A necessidade de um mundo consciente do direito à alimentação, capaz de criar condições geradoras de pão para todos, funda-se numa questão de justiça, a qual deve ser implementada pela via da caridade e não por uma via contratualista. Na perspetiva cristã, justiça e caridade estão intimamente ligadas e só podem existir em relação mútua. Assim, a justa partilha dos bens e recursos não pode ser assegurada, apenas, pelo simples progresso técnico e pelas relações de conveniência entre os povos e os governos dos países, mas pelo “potencial de amor que vence o mal com o bem (Cf. Rm 12,21) e abre à reciprocidade das consciências e das liberdades”¹⁰⁶.

A doutrina social da Igreja afirma que a justiça “consiste na constante e firme vontade de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido”¹⁰⁷. Nela está o reconhecimento do outro como pessoa. Deste modo, a justiça não surge como uma mera convenção humana ou lei mas como uma determinação da própria identidade do ser humano¹⁰⁸. A verdade plena sobre o outro supera uma visão contratualista da justiça, que é limitada, e abre-a para o horizonte da

¹⁰⁴ Cf. OFICINA DEL ALTO COMISIONADO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LOS DERECHOS HUMANOS, *El derecho a la alimentación adecuada*, op. cit., 3-4.

¹⁰⁵ Cf. *Ibidem*, 5.

¹⁰⁶ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) 9: AAS 101 (2009) 646.

¹⁰⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, S. João do Estoril, 2005, n.º 202, 141.

¹⁰⁸ Cf. *Ibidem*.

solidariedade e do amor¹⁰⁹. Na realidade, a visão contratualista da justiça apenas ensina a repartição adequada dos bens materiais, ao passo que a caridade é capaz de restituir o ser humano a si próprio¹¹⁰. Deste modo, a justiça “deve submeter-se, por assim dizer, a uma *correção* notável, por parte daquele amor que, como proclama S. Paulo, *é paciente e benigno*, ou por outras palavras, que encerra em si as características do amor misericordioso, tão essenciais para o Evangelho como para o Cristianismo”¹¹¹. No entanto, este amor que “corrige” a justiça não pode ser compreendido sem a justiça. Na verdade, a caridade leva-nos a amar o bem comum¹¹² e conseqüentemente a buscá-lo para todos. Dar pão a quem têm fome só pode ser um ato de caridade se for justo¹¹³. O papa Bento XVI resume bem, na carta encíclica *Caritas in Veritate*, esta relação entre a justiça e a caridade:

“A caridade supera a justiça, porque amar é dar, oferecer ao outro do que é «meu»; mas nunca existe sem a justiça, que induz a dar ao outro o que é «dele», o que lhe pertence em razão do seu ser e do seu agir. Não posso «dar» ao outro do que é meu, sem antes lhe ter dado aquilo que lhe compete por justiça. Quem ama os outros com caridade é, antes de mais nada, justo para com eles. A justiça não só não é alheia à caridade, não só não é um caminho alternativo ou paralelo à caridade, mas é «inseparável da caridade», é-lhe intrínseca. A justiça é o primeiro caminho da caridade ou, como chegou a dizer Paulo VI, «a medida mínima» dela, parte integrante daquele amor «por ações e em verdade» (1 Jo 3,18) a que nos exorta o apóstolo João. Por um lado, a caridade exige a justiça: o reconhecimento e o respeito dos legítimos direitos dos indivíduos e dos povos. Aquela empenha-se na construção da «cidade do homem» segundo o direito e a justiça. Por outro, a caridade supera a justiça e completa-a com a lógica do dom e do perdão. A «cidade do homem» não se move apenas por relações feitas de direitos e de deveres, mas antes e sobretudo por relações de gratuidade, misericórdia e comunhão. A

¹⁰⁹ Cf. *Ibidem*, n.º 203, 141.

¹¹⁰ Cf. *Ibidem*, n.º 206, 143. O ser humano nunca se pode esquecer que tem uma dignidade. João Paulo II, na carta encíclica *Dives in Misericordia*, considera-a o valor essencial que só pode ser reconhecido pelo amor. Dando como exemplo a parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32), dá-nos a entender que o amor ao perdoar revela a própria dignidade do ser humano. Diz ainda que é necessário o amor para que o ser humano se afirme como tal. Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dives in Misericordia* (30 de novembro de 1980) 14: AAS 72 (1980) 1223.

¹¹¹ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, op. cit., n.º 206, 143.

¹¹² Segundo Bento XVI, na carta encíclica *Caritas in Veritate*, o bem comum refere-se ao ligado à vida social das pessoas. Trata-se do bem de todos nós, “formado por indivíduos, famílias e grupos intermédios que se unem em comunidade social. Não é um bem procurado por si mesmo, mas para as pessoas que fazem parte da comunidade social e que, só nela, podem realmente e com maior eficácia obter o próprio bem. Querer o bem comum e trabalhar por ele é exigência de justiça e de caridade.” BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) 7: AAS 101 (2009) 645.

¹¹³ O bem comum não se baseia no interesse, ou seja, nas vantagens que se podem retirar dele. Teríamos uma visão muito redutora se o entendêssemos dessa maneira. Pelo contrário, o bem comum baseia-se na justiça e na caridade e exige uma lógica que tende à mais ampla responsabilização. Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, op. cit., n.º 167, 119.

caridade manifesta sempre, mesmo nas relações humanas, o amor de Deus; dá valor teologal e salvífico a todo o empenho de justiça no mundo”¹¹⁴.

A caridade é o maior “mandamento social” e só ela pode transformar completamente o ser humano porque procede de Deus¹¹⁵. É em Jesus Cristo que se estabelece a correspondência entre o amor divino e o amor humano e esta correspondência é dada a todos os cristãos¹¹⁶ para que eles possam ser, humanamente, o coração de Deus na humanidade, ultrapassando os limites da razão humana na capacidade de amar¹¹⁷. O modo de ser de Jesus Cristo de há de ser o modo de ser da Igreja, hoje, que é chamada a continuar a “encarnar” o amor de Deus entre os homens. Assim, ela deve continuar a ir atrás da “ovelha perdida”, a acolher o “filho pródigo”, a ser o “bom samaritano”, a viver em favor do próximo. Só esse amor traz em si a justiça para a humanidade, tal como nos ensina a parábola do Juízo Final (Mt 25, 31-46): os justos são aqueles que praticam a caridade para com o faminto, o sedento, o forasteiro, o nu, o enfermo e o preso. Neste quadro, entendemos bem o ensinamento de João Batista: “Quem tem duas túnicas, dê uma a quem não tem; e quem tem o que comer, faça o mesmo” (Lc 3,11). Claramente aqui se vê a justiça a exigir a anulação do desequilíbrio entre quem tem a mais e quem carece do necessário. Mas a realização desta exigência provém da caridade, que nos impele a ir ter com o próximo. Se não houver caridade, também não haverá justiça. Diz Bento XVI, na encíclica *Deus caritas est* que “o amor será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa”, porque “existirão sempre também situações de necessidade material, para as quais é indispensável uma ajuda na linha de um amor concreto ao próximo”¹¹⁸, ou seja, um amor que não oferece apenas uma ajuda material, mas também e sobretudo uma ajuda espiritual: “nem só de pão...” (Mt 4,4)¹¹⁹.

¹¹⁴ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009) 6: AAS 101 (2009) 644-645.

¹¹⁵ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, op. cit., n.º 583, 364.

¹¹⁶ Cf. Hans Urs von BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, op. cit., 93.

¹¹⁷ Na carta encíclica *Deus Caritas Est*, Bento XVI afirma, a este propósito, o seguinte: “A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou tornarão Seus. A comunhão tira-me para fora de mim mesmo projetando-me para Ele e, deste modo, também para a união com todos os cristãos. Tornamo-nos «um só corpo», fundidos todos numa única existência. O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a Si. BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de dezembro de 2005) 14: AAS 98 (2006) 228-229.

¹¹⁸ BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est* (25 de dezembro de 2005) 28: AAS 98 (2006) 240.

¹¹⁹ Cf. *Ibidem*.

3. A importância do voluntariado

O voluntariado enraíza-se na caridade e busca a dignidade e o bem do “outro” que se encontra em situação de necessidade. Este “outro”, na perspectiva cristã, não é apenas um outro “eu” mas configura-se ao próprio Jesus Cristo. Retomando a parábola do Juízo Final, as palavras de Jesus não deixam margem para dúvida: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25,40).

No voluntariado há uma prioridade do “outro” sobre o “eu”, porque só nesta lógica é possível fazermos-nos próximos deste próximo e deste modo, aceder às suas reais necessidades. É a lógica do amor gratuito que “cria uma disponibilidade interior para os outros, até à radicalidade da entrega, para servir as necessidades reais das pessoas que interpelam a consciência”¹²⁰. Por isso, o voluntariado é muito mais do que um sentimento e do que um conjunto de ações. É um acontecimento que implica não só quem o realiza, mas também quem o recebe. Cria-se assim uma relação que possibilita a participação destes dois intervenientes na construção da justiça e do bem, desde que esta relação esteja fundada na verdade pois só ela pode conferir consistência a todas as ações que daí resultarem e orientar para o bem¹²¹. Importa referir, também, que estabelecer uma relação com o “outro”, tantas vezes marcado pelo sofrimento e pela injustiça social, implica que o voluntário seja capaz de dar o melhor de si, transcender-se na sua ação, dar-se¹²². Esta tarefa pode trazer sofrimento para o próprio voluntário, uma vez que não se limita a dar ajuda por meio de ações, mas a oferecer-se a si próprio como um dom. Na sua liberdade e através de um compromisso consistente e duradouro, o voluntário sai da sua zona de conforto, desprende-se de si próprio para se entregar ao universo do outro, tantas vezes preenchido de histórias dolorosas que lhe podem trazer dor¹²³.

No voluntariado, deve procurar-se concretizar o valor da solidariedade, não de uma forma assistencialista, mas de modo em que o “outro”, tal como foi dito anteriormente, seja participante, interveniente ativo na construção do seu próprio projeto de vida e da comunidade onde vive. Para que isto aconteça e, de uma forma mais concreta, para além das situações de emergência, a educação deve estar em primeiro lugar. Na abordagem ao ponto sobre a fome

¹²⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Nota Pastoral sobre *Voluntariado e nova consciência social* (15 de Fevereiro de 2011) n.º 2. Documento consultado em 18 de maio de 2013 através do seguinte endereço eletrónico: <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=84319>.

¹²¹ Cf. Alfredo Rodríguez SEDANO, *El motivo del voluntariado: una propuesta posible* in Aurora BERNAL (coord.), *El voluntariado: educación para la participación social*, Ariel, Barcelona, 2002, 59.

¹²² Cf. Adalberto CARVALHO (coord.), *Voluntariado e dádiva cristã*, Centro de Investigação de Paula Frassinetti / Fundação Fé e Cooperação, Lisboa, 2012, 20.

¹²³ Cf. *Ibidem*, 22.

no mundo, já aqui foi referido, pelas palavras de Paulo VI, que em qualquer sociedade “educar é o alicerce fundamental de desenvolvimento pessoal, social e económico”¹²⁴. De facto, só a educação é capaz de ajudar cada pessoa a conhecer-se, a conhecer o outro, e desta forma, a estabelecer vínculos de solidariedade que o leve a tornar-se cada vez mais autónomo, participante e corresponsável na condução da sua vida e da vida da sua comunidade¹²⁵.

No voluntariado não basta a existência de uma boa vontade. É necessário saber ajudar, com competência e uma atitude adequada. Por isso, a intencionalidade de ajudar o “outro”, deve-se centrar num interesse autêntico nele, e não na busca, para si próprio, de afeto, de popularidade, de protagonismo ou de outro tipo de compensação pessoal¹²⁶. Particularmente, sobre a busca de afeto, o voluntário não deve deixar-se absorver por uma afetividade que crie dependência no “outro”, pelo contrário, terá que ter uma afetividade que ajude a criar uma autonomia responsável. A empatia que estabelece com o universo dos sentimentos e do modo de pensar do “outro” é justamente a maneira de se consciencializar da sua situação real, sem se apoderar dele para implementar uma “ajuda” que não o respeite e, conseqüentemente, não o introduza no caminho do desenvolvimento¹²⁷. É necessário, também, que o voluntário seja digno de fé. Isto significa que o voluntário pela sua forma de ser, pela sua estrutura moral, pelos seus conhecimentos e capacidades técnicas seja reconhecido e aceite pelo “outro”. Só assim poderá depositar fé e confiança nas potencialidades do “outro”, na sua vontade de aprender, de melhorar, de desenvolver-se¹²⁸.

Por fim, o exercício do voluntariado deve depositar no “outro” um horizonte de esperança e de otimismo sem lhe esconder a realidade. É fundamental que a partir da verdade de cada situação concreta, das capacidades disponíveis, se faça um caminho que eleve o “outro” para o patamar da dignidade, da mesa comum, onde ele se possa sentar e comer do mesmo pão, dado por Deus a todos. É nesta mesa da partilha que a infinitude do amor desafia a própria morte e preenche qualquer vida de esperança.

¹²⁴ PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio* (26 de março de 1967) 35: AAS 59 (1967) 275.

¹²⁵ Cf. Adalberto CARVALHO (coord.), *Voluntariado e dádiva cristã*, op. cit., 20.

¹²⁶ Cf. José GONZÁLEZ-SIMANCAS, *Aprender a ajudar* in Aurora BERNAL (coord.) *El voluntariado: educación para la participación social*, op. cit., 124-125.

¹²⁷ Cf. *Ibidem*, 125. A Conferência Episcopal Portuguesa chama a atenção para esta situação referindo que “deve igualmente ser dada particular atenção às condições de maturidade humana por parte de quem oferece o seu tempo e competência ao bem comum, sob perigo de causar dano em vez de benefício”. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Nota Pastoral sobre *Voluntariado e nova consciência social*, op. cit., n.º 7.

¹²⁸ Cf. José GONZÁLEZ-SIMANCAS, *Aprender a ajudar* in..., op. cit., 125-126.

CAPÍTULO IV – A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DA LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA QUATRO, “O PÃO DE CADA DIA”, DO 6.º ANO DE ESCOLARIDADE

Após a reflexão sobre os conteúdos relativos à unidade letiva quatro, “O pão de cada dia”, que integra o programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica do 6.º ano de escolaridade, importa, neste último capítulo, descrever a experiência pedagógico-didática da sua lecionação, em seis aulas, à turma 4 do 6.º ano de escolaridade do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, em Braga. Deste modo, organizo este relato nos seguintes pontos: 1 - apresentação da escola; 2 – caracterização da turma; 3 – apresentação detalhada da unidade letiva; 4 – apresentação esquemática das planificações; 5 - avaliação e perspetivas.

1. Apresentação da Escola

Segundo o seu projeto educativo¹²⁹, o Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches integra uma rede de sete escolas, das quais seis do primeiro ciclo, uma do pré-escolar e uma do segundo e terceiro ciclo, denominada de Escola Dr. Francisco Sanches, onde se localiza a sede do agrupamento e onde decorreram as aulas da prática de ensino supervisionada. Geograficamente, esta unidade escolar da cidade de Braga situa-se numa área de influência de bairros sociais, que serve uma população itinerante de imigrantes, alguns provenientes de regiões do globo onde a língua materna não é o português. Deste modo, embora a população escolar seja bastante heterogénea, uma parte significativa dos alunos provém de famílias que socioeconomicamente pertencem a um estrato de baixos recursos e com fraco acesso a bens culturais. É pertinente referir a vulnerabilidade familiar do ponto de vista estrutural, afetada pelo desemprego, por problemas relacionados com a toxicod dependência, o alcoolismo e a baixa escolarização, conforme atestam os quarenta e um por cento de alunos apoiados pela Ação Social Escolar durante o ano letivo de 2007/2008. São estas as razões que presidiram à definição do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), com vista ao desenvolvimento de medidas que possam confrontar estas situações problemáticas, de modo a promoverem não só o sucesso educativo, mas também o desenvolvimento da comunidade envolvente.

No presente ano letivo a Escola Dr. Francisco Sanches, pelo facto das suas edificações se encontrarem bastante degradadas, entrou em obras de requalificação a partir do final do

¹²⁹ AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2009, 1-3.

primeiro período letivo. Esta situação criou uma certa instabilidade no funcionamento das aulas, uma vez que se impôs uma readaptação a novos espaços, alguns com poucas condições em termos de recursos educativos, a toda a comunidade educativa. No entanto, é de louvar o espírito criativo e positivo que presidiu a esta readaptação escolar, não só por parte de professores e funcionários, mas também dos alunos.

2. Caracterização da Turma

A informação para a caracterização escolar e socioeconómica dos alunos, que compõem esta turma, procedeu dos dados recolhidos através das fichas biográficas preenchidas pelos alunos no início do ano letivo, do projeto curricular de turma, da consulta dos processos individuais dos alunos, assim como da informação de vários professores do conselho de turma, nomeadamente da diretora de turma.

A turma 4 do sexto ano de escolaridade é constituída por vinte e oito alunos, dos quais nove são do sexo masculino e dezanove do sexo feminino, com idades compreendidas entre os onze e os dezasseis anos. Dois destes alunos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, estão referenciados como alunos com necessidades educativas especiais. É importante referir que duas alunas desta turma não estão matriculadas à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica; no entanto, assistiram às aulas, integrando-se da mesma forma que os seus colegas nas suas dinâmicas de aprendizagem.

Numa análise ao contexto familiar e socioeconómico destes alunos, refira-se que as habilitações académicas dos encarregados de educação são maioritariamente baixas e uma parte significativa deles encontra-se desempregado. O número dos alunos que beneficiam da Ação Social Escolar é significativo: treze beneficiam do escalão A, dois, do escalão B, perfazendo um total de quinze alunos apoiados por esta ajuda social. É pertinente referir também que duas alunas desta turma encontram-se institucionalizadas.

Quanto ao desempenho escolar dos alunos, de um modo geral, é fraco, uma vez que bastantes alunos apresentaram baixos níveis de aproveitamento quer no primeiro, quer no segundo momento de avaliação deste ano letivo, resultantes da falta de hábitos e métodos de estudo, de dificuldades de aquisição, compreensão e aplicação de conhecimentos, e de concentração na sala de aula. Mas sobretudo, da falta de uma estrutura familiar e social que promovesse a cultura do estudo e do conhecimento. Neste contexto, os professores do conselho de turma, têm feito um esforço no acompanhamento individual de cada aluno, da sua situação real, assim como na conceção e aplicação de estratégias didático-pedagógicas que

possam suprir as dificuldades dos alunos. Tendo em conta esta realidade, procurei, também, encontrar as ferramentas e as metodologias que melhor se adaptassem a estes alunos.

3. Apresentação detalhada da Unidade Letiva

Partindo do programa¹³⁰ da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, reuni os conteúdos referentes à unidade letiva quatro do sexto ano de escolaridade, “O pão de cada dia”, que considereei serem nucleares, adaptando-os à realidade escolar dos alunos que constituem a turma 4 do sexto ano para um total de seis aulas. Estes conteúdos, que se encontram aprofundados, do ponto de vista teórico, nos capítulos antecedentes deste relatório, foram organizados e articulados numa planificação global, tendo em conta a clareza e um sentido evolutivo, de modo a serem apreendidos mais facilmente pelos alunos. Ao mesmo tempo, procurei utilizar uma ampla diversidade de recursos e metodologias pedagógico-didáticas, visando sempre a criação do contexto mais propício para o excelente desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Assim, a planificação global da unidade letiva alicerça-se em três grandes pilares:

1. O pão como alimento corporal e espiritual;
2. A fome como um flagelo que lesa os direitos fundamentais do ser humano;
3. A partilha como solução para a erradicação da fome.

Atendendo ao facto de dispor de seis aulas para a lecionação desta unidade letiva, era importante distribuir os conteúdos, relativos a estes três temas, tendo em conta o grau de importância, assim como a sua articulação, procurando um caminho cognitivo ascensional acessível aos alunos. Uma vez que o tema do pão como alimento corporal e espiritual ocupa um lugar central, optei por lhe dedicar as duas primeiras aulas. Era imprescindível aprender o significado cultural e religioso do pão como alimento básico, dador de vida corporal e espiritual, nomeadamente no contexto do judaísmo e do cristianismo, para que na terceira aula se pudesse compreender o escândalo da existência de pessoas com fome. O terceiro passo centrou-se no tema da partilha. Perante a injustiça do desequilíbrio alimentar e da existência de pessoas com fome, era importante compreender o que fazer e como fazer. Assim, na quarta aula procurou-se aprender a partilha, através de uma dinâmica realizada na sala de aula; e na quinta aula procurou-se aprender como se pode partilhar através de conteúdos sobre o voluntariado. A última aula centrou-se na avaliação de conhecimentos relativos aos conteúdos

¹³⁰ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2007.

de toda a unidade letiva, através de uma ficha de carácter sumativa para aferir as aprendizagens desenvolvidas. Este instrumento avaliativo, que se encontra em anexo, teve também o objetivo de consolidar conhecimentos, enquadrando-se à legislação vigente que orienta o ensino para a aquisição de informação.

A avaliação de conhecimentos é fundamental na prática pedagógico-didática. No entanto, desde o ano de 2001 até ao final do ano de 2011, o ensino básico foi regulado pelo documento *Currículo Nacional do Ensino Básico — Competências essenciais* que, “erigindo a categoria de «competências» como orientadora de todo o ensino, menorizou o papel do conhecimento e da transmissão de conhecimentos, que é essencial a todo o ensino”, “desprezou a importância da aquisição de informação, do desenvolvimento de automatismos e da memorização” e “substituiu objetivos claros, precisos e mensuráveis por objetivos aparentemente generosos, mas vagos e difíceis, quando não impossíveis de aferir”¹³¹. A centralidade dos conhecimentos no processo ensino-aprendizagem foi restaurada pelo despacho n.º 17169/2011 de 23 de dezembro de 2011, revogando deste modo o documento anterior. Assim, o desenvolvimento do ensino em cada disciplina passou a ser referenciado pelos objetivos curriculares e pelos conteúdos de cada programa oficial e pelas metas de aprendizagem de cada disciplina¹³². O objetivo é destacar os conhecimentos e as capacidades a adquirir pelos alunos em cada disciplina, conforme clarifica o despacho n.º 5306/2012 de 2 de abril de 2012¹³³.

Neste contexto, coube às várias disciplinas estabelecer metas de aprendizagem, tendo sido já homologadas as metas das disciplinas de Português, de Matemática, de Tecnologias de Informação e Comunicação, de Educação Visual e de Educação Tecnológica do Ensino Básico, segundo o despacho n.º 10874/2012 de 10 de agosto¹³⁴. No que se refere à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, ainda não foram homologadas as metas de aprendizagem. No entanto, a lecionação da unidade letiva “O pão de cada dia”, configurou-se a estas novas orientações. Em vez de contemplar as competências que estão inscritas no programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, foram contemplados, em planificação, para cada conteúdo, conhecimentos a adquirir e capacidades a desenvolver.

¹³¹ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho n.º 17169/2011 de 23 de dezembro de 2011 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2.ª série — N.º 245 — 23 de Dezembro de 2011.

¹³² Cf. *Ibidem*.

¹³³ Cf. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho n.º 5306/2012 de 2 de abril de 2012 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2.ª série — N.º 77 — 18 de abril de 2012.

¹³⁴ Cf. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho n.º 10874/2012 de 10 de agosto de 2012 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2.ª série — N.º 155 — 10 de agosto de 2012.

Relativamente à prática pedagógica da unidade letiva, esta ocorreu às terças-feiras, das 09h05 às 09h50, tendo sido iniciada no dia 15 de janeiro e finalizada no dia 26 de fevereiro. Quanto à hora de entrada, aquando da minha chegada à sala de aula, os alunos já se encontravam dentro, uma vez que a aula anterior terminava, justamente, a essa hora. Esta situação, suscetível de causar atrasos e constrangimentos no começo da aula nunca afetou, de forma determinante, o bom funcionamento da prática pedagógica. No dia 12 de fevereiro a aula não foi lecionada por motivo da interrupção letiva do Carnaval. Refira-se que, no primeiro período letivo, já tinha lecionado a esta turma a unidade letiva três, “A família”, o que possibilitou algum conhecimento dos alunos e a minha adaptação ao contexto escolar.

De seguida, apresento a descrição das planificações das aulas lecionadas que foram elaboradas a partir da planificação global referida anteriormente.

3.1 Aula n.º1: o pão como alimento básico e simbólico

A aula que inicia a unidade letiva quatro, “O pão de cada dia”, tem um carácter introdutório da temática do pão. Por isso, partindo da realidade quotidiana, centro esta aula na reflexão sobre a importância da alimentação e do pão como alimento essencial não só na cultura portuguesa, mas também noutros contextos culturais.

O primeiro passo é a preparação e experimentação de todos os recursos informáticos: Reduzindo-se os imprevistos tecnológicos espera-se que a aula decorra sem quebras desta natureza. Depois, torna-se pertinente realizar uma breve apresentação do título da unidade letiva. É no âmbito desta abordagem que devo chamar, aleatoriamente, um aluno a dirigir-se ao quadro para escrever o sumário, para que todos o possam passar nos seus cadernos, com o seguinte texto: “A importância da alimentação e do pão, como alimento essencial e como símbolo na literatura e na sabedoria popular portuguesa”. Esta opção tem como objetivo possibilitar a este aluno a participação ativa no decorrer da aula e o desenvolvimento de competências ligadas à língua portuguesa, nomeadamente, à expressão escrita.

Seguidamente, com recurso à projeção multimédia e promovendo sempre a interação com os alunos, através de questões relacionadas com o quotidiano alimentar do ser humano, considere-se fundamental apresentar alguns itens sobre a importância da alimentação como necessidade biológica e como lugar de confraternização. Esta exposição tem como objetivos, em termos de conhecimentos a adquirir, a compreensão da alimentação como um bem fundamental do ser humano, para sua subsistência e desenvolvimento biológico e como lugar de relação, de convívio e confraternização. Em termos de capacidades a desenvolver, visa o

reconhecimento e a valorização de uma alimentação equilibrada, em família e em grupo, em ordem a um crescimento e desenvolvimento saudáveis.

Da amplitude da reflexão sobre a alimentação, decidi avançar para a temática do pão, introduzindo a questão: “quantos pães como por dia?” Pretende-se que as respostas dos alunos a esta questão os levem à compreensão da centralidade do pão na cultura gastronómica portuguesa e a consciencializarem-se da sua importância na vida alimentar de cada um. Ainda neste âmbito, decidi que deveriam ser apresentados os vários tipos de pão existente na gastronomia portuguesa, salientando o pão de trigo, de centeio e de milho, assim como outros alimentos básicos da gastronomia portuguesa, tais como o azeite e o vinho. É certo que neste âmbito, justificava-se a realização de uma visita de estudo ao Museu do Pão (<http://www.museudopao.pt>), localizado em Seia, mas a distância e os constrangimentos em termos de tempo para a organização desta visita, acabam por ditar a sua não realização.

Chegados a este patamar de abordagem, estão criadas as condições para se dar a conhecer o pão como símbolo do alimento essencial na cultura portuguesa. Para isso, contribui o recurso à literatura portuguesa e à sabedoria popular. Em primeiro lugar, considerei importante a leitura, em voz alta, da “lenda das rosas”¹³⁵, a partir de uma apresentação em powerpoint, que deve ser lida por dois alunos, dado o texto ser um pouco extenso. Na sua abordagem, a reflexão deve centrar-se, principalmente, no significado da conversão do pão em rosas. Aqui deve compreender-se que o pão adquire um valor simbólico face à pobreza e à fome que a rainha D. Isabel combatia. O pão dado e partilhado surge como uma realidade muito bela, comparável a rosas muito belas de um valor inestimável. Em segundo lugar, tenho a intenção de apresentar alguns provérbios da cultura popular portuguesa, um dos quais é o seguinte: “Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão”. O pão neste contexto não significa apenas pão como alimento resultante do trigo, centeio ou milho, mas qualquer tipo de alimento. Relativamente a este conteúdo, tenho como objetivo levar o aluno a compreender, de forma clara, o pão enquanto expressão simbólica de toda a alimentação. Por isso, como trabalho de casa, decidi solicitar a recolha de provérbios aos alunos, não só sobre o pão, mas também sobre a alimentação, junto dos seus familiares. Esta estratégia visa, sobretudo, a reflexão sobre a temática do pão juntamente com os seus pais, avós, tios e demais família e estabelece um elo de ligação pedagógico-didático entre a presente aula e a aula seguinte.

¹³⁵ Ver em anexo 1, página 80.

De seguida, torna-se pertinente um olhar para outras regiões geográficas, com o objetivo de se reconhecer outros alimentos, equivalentes ao pão, como essenciais e com carga simbólica. Por isso contemplei, nesta planificação a realização de uma dinâmica, através da projeção do mapa-múndi (em segundo plano), assim como de pequenas imagens (em primeiro plano), referentes a alimentos essenciais, tais como, a mandioca, o milho, o arroz e o feijão. Esta dinâmica consiste em solicitar aos alunos a realização da correspondência entre estes alimentos e o local geográfico onde se inserem.

Por fim, é pertinente voltar a recordar aos alunos o trabalho de casa já solicitado, de recolha de provérbios sobre o tema do pão e da alimentação, para que na aula seguinte se dê seguimento à compreensão simbólica do pão.

3.2 Aula n.º 2: a simbologia judaico-cristã do pão

A planificação da segunda aula centra-se no significado simbólico-religioso do pão na cultura judaico-cristã. Trata-se de um tema fundamental, uma vez que tem como objetivo construir um conhecimento organizado e suficiente consistente do carácter simbólico do pão, a partir da religião judaica até ao cristianismo, nomeadamente na Eucaristia.

Após a preparação dos recursos, nomeadamente da instalação do computador, do projetor multimédia e das colunas, entendo que devo chamar um aluno ao quadro para escrever o seguinte sumário: “O significado simbólico-religioso do pão na cultura judaico-cristã”. Tal como na aula anterior, esta opção visa, não só a participação ativa deste aluno nas tarefas inerentes à sala de aula, mas também o desenvolvimento das suas competências ao nível da expressão escrita no âmbito da língua portuguesa. De salientar que o sumário, dado no início da aula, também tem a função de agendar os conteúdos ministrados.

Uma vez que indiquei aos alunos, na aula anterior, como trabalho de casa, a recolha de provérbios sobre o pão e a alimentação junto dos seus familiares, o passo seguinte será averiguar o cumprimento ou o incumprimento desta tarefa e pedir, a quem assim o desejar de livre vontade, a exposição do seu provérbio oralmente perante os colegas da turma, assim como a sua interpretação. No final da participação dos alunos, considero importante apresentar em powerpoint outros provérbios sobre o pão, diferentes daqueles que foram apresentados na aula anterior, assim como provocar a participação dos alunos na interpretação dos mesmos.

A aula prossegue com uma apresentação, em powerpoint por tópicos, sobre o significado religioso da alimentação na cultura judaica, a saber:

- a) Os alimentos são dádiva de Deus. Neste tópico é importante explicitar a palavra “dádiva” através dos sinónimos “dom”, “presente”, “oferta”.
- b) O consumo dos alimentos está sujeito a normas de carácter religioso. Aqui deve-se distinguir entre os alimentos próprios (*kosher*) e os impróprios (*treif*) ao consumo humano.
- c) A abundância de alimentos significa uma bênção divina;
- d) O azeite, o vinho, o leite e o mel também assumem um carácter simbólico.

Esta abordagem à alimentação na cultura judaico-cristã tem como objetivo dar a conhecer o contexto geral da alimentação, onde se insere o pão, não só do ponto de vista material, mas também simbólico.

É altura de prosseguir para o estudo do carácter simbólico-religioso do pão, dando-o a conhecer como alimento essencial, utilizando para isso uma apresentação em powerpoint. No que diz respeito ao Antigo Testamento, é essencial dar a conhecer, recorrendo a alguns tópicos, o significado de “pão ázimo”, que representa as privações do povo hebreu escravizado no Egito, e de “maná”. Sobre o “maná”, decidi alicerçar o conhecimento ministrado com o texto bíblico de Ex 16,4.14-15, onde se apresenta a indicação, que Deus fez a Moisés, de que faria chover pão do céu. Este texto deve ser projetado na tela, uma vez que não há possibilidade de se distribuir Bíblias a todos os alunos. No que se refere ao Novo Testamento, e partindo de um paralelismo com o significado de “maná”, opto por apresentar Jesus Cristo como o novo “maná”, o pão vivo descido do céu para dar a vida ao mundo (Jo 6,50-51). A referência ao pão-nosso apresentada por Jesus na oração do Pai-nosso (Lc 11,3) também merece destaque na aula, porque se explicita de forma clara o valor simbólico do pão como alimento diário e necessário à sobrevivência de cada pessoa. Mas o grande destaque deve ser dado à última ceia. Depois da apresentação do vídeo sobre a Última Ceia extraído do filme “Jesus de Nazaré”, de *Franco Zeffirelli* (1977), impõe-se a reflexão, perguntando aos alunos quais foram as palavras ditas por Jesus, patentes na legendagem. A partir daqui, tenho a intenção de levar os alunos a concluir que Jesus identificou o seu corpo com o pão e o seu sangue com o vinho para se tornar presente no meio daqueles que o amam. Com este gesto, a morte não significou o abandono e a solidão dos seus amigos, mas uma nova forma de presença: no Espírito, Jesus é companhia amiga para todos os que comem do seu pão e bebem do seu vinho. Jesus é, então, o Pão da vida. A identificação de Jesus com o pão deve ser bem vincada e fundamentada com a apresentação de citações bíblicas. Por fim, e após a apresentação em powerpoint de imagens sobre a celebração da eucaristia na atualidade, é

essencial fazer-se uma correlação desta com a última ceia. Assim, devo conduzir os alunos a compreender a eucaristia como memorial da ceia do Senhor instituída por Jesus e, tendo em conta a fé cristã, como presença d'Ele mesmo no pão e no vinho. O pão converte-se, de alimento material em alimento espiritual dador de vida nova.

Chegados ao expoente máximo da simbologia do pão na cultura judaico-cristã, em que o pão se confunde com a vida, importa, na aula seguinte, olharmos para a fome como uma realidade que se confunde com a morte.

3.3 Aula n.º 3: o flagelo da fome no mundo

Tal como foi referido, na planificação desta aula introduzi uma realidade que, de alguma forma é a antítese da realidade manifestada pelo pão. Trata-se da fome. Se o pão alimenta a vida, e até é símbolo de vida em Jesus Cristo; a fome, de modo inverso, “alimenta” a morte. Então, torna-se fundamental tomar consciência da fome, enquanto realidade de necessidade, carência, ausência de pão e de vida. O objetivo principal, nesta aula, é dar uma visão concreta de várias realidades de escassez alimentar, não apenas nos países em desenvolvimento, mas também nos países desenvolvidos.

Após a instalação dos recursos didático-pedagógicos, nomeadamente, o projetor multimédia e o computador, é tempo para se realizar uma síntese da aula anterior sobre os conteúdos fundamentais que explicam o carácter simbólico do pão na cultura judaico-cristã, para que não haja um corte abrupto entre o tema do pão e o tema da fome. Esta síntese deve ser realizada com recurso a um esquema elaborado em powerpoint, com os seguintes conteúdos: a alimentação como dádiva de Deus; o pão no Antigo Testamento (pão ázimo, maná); o pão no Novo Testamento (Jesus, o Pão da vida, a última ceia e a eucaristia). É altura, também, para projetar o sumário da presente aula pedindo aos alunos para o transcrever no seu caderno: “O flagelo da fome no mundo: causas naturais e humanas”. Desta vez, opto pela projeção em vez de solicitar a um aluno a tarefa de o escrever no quadro, uma vez que optei por realizar uma síntese da aula anterior.

Começo, então, por vincar a oposição *pão=vida/fome=morte* para que seja óbvia a identificação da escassez de “pão” ou de alimento com a realidade da fome, e que esta, por sua vez provoca a morte. Daqui ressalta que a alimentação é um direito de todos e de que a fome é um dos maiores flagelos da humanidade. Para fundamentar a ideia de que a alimentação é um direito de todos, tenho a intenção de apresentar em powerpoint um excerto do artigo 25.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que deve ser lido pelos alunos

em uníssono e refletido em conjunto. Para dar a conhecer a dimensão da fome no mundo, também tenho a intenção de apresentar em powerpoint o mapa do Índice Global de Fome referente ao ano de 2012, publicado pela *Concern Worldwide*, o *IFPRI (International Food Policy Research Institute)* e a *Welthungerhilfe*. Com uma legendagem baseada numa escala de cores, que avalia a severidade da fome em todos os países do mundo, o objetivo baseia-se em descobrir, pelas cores, os países onde a severidade da fome é mais alarmante. Assim, pretendo levar os alunos a descobrir que os países localizados no continente africano são os mais afetados pela fome. Ainda para despertar a consciência para esta questão, decidi que devo apresentar uma informação em vídeo¹³⁶ noticiada pelo canal internacional de notícias *Euronews* sobre os dados do relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), Programa Alimentar Mundial (PAM) e Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (IFAD) referente à fome no mundo. Deve caber aos alunos, a retenção e a exposição destes dados, para depois serem refletidos e absorvidos em conjunto. Daqui ressalta uma grande diferença, entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. Embora ainda haja, no contexto global, um número reduzido de pessoas que sofrem de subnutrição crónica, nos países desenvolvidos existe abundância de alimentos, nos países em desenvolvimento existe escassez e, ao mesmo tempo, uma dimensão catastrófica de pessoas a sofrer de subnutrição crónica. Com isto, pretende-se vincar outro dado que nos é fornecido no vídeo referido: o mundo tem comida suficiente para todos. Isto significa que é desperdiçada muita comida que seria vital para muitas pessoas no mundo. A questão da injustiça é, desde já introduzida aqui, como consequência da realidade apresentada.

Tendo dado a conhecer os contextos da fome no mundo, importa, de seguida, compreender as causas que estão na sua origem. Neste sentido, considero que devo apresentar alguns tópicos referentes às causas de carácter natural e às de carácter humano que os alunos escreverão no caderno diário. Particularmente, no que concerne às causas de carácter humano, devo procurar levar os alunos a refletirem sobre a realidade de muitos dos países em desenvolvimento, onde a guerra e a pobreza acabam por ser fatores determinantes de bloqueio ao acesso de alimentos básicos, ao desenvolvimento da agricultura local, assim como ao desenvolvimento de uma de uma gastronomia local mais rica e diversificada. Por fim, a paz, a estabilidade social e o respeito para com o meio ambiente, devem ser valorizadas como condições essenciais para a existência de alimentos e para o combate à fome no mundo.

¹³⁶ Este foi vídeo consultado em '<http://www.youtube.com/watch?v=zCK0nrWYKBc>' no dia 18 de janeiro de 2013.

Após a abordagem à temática do pão e da fome, torna-se pertinente prosseguir para o tema da partilha, na próxima aula, como solução para o flagelo da fome no mundo.

3.4 Aula n.º 4: a partilha, uma questão de justiça

No contexto da presente aula, o objetivo central é a compreensão do valor da partilha como a arma mais eficaz de matar a fome no mundo. O pão de cada dia não deverá ser um pão individual, como pertença exclusiva de cada ser humano, mas um pão que é de todos e para todos. O pão de cada dia é o pão-nosso, um direito de todos.

Como acontece nas restantes aulas, devo proceder à montagem dos recursos informáticos e à organização dos recursos referentes a uma dinâmica de partilha concebida, justamente, para a explicação do valor da partilha. No momento seguinte, impõe-se a realização de uma síntese da aula anterior com o objetivo de se avivar e organizar os conteúdos para, deste modo, permitir a incorporação de mais um conteúdo importante no desenvolvimento do estudo da presente unidade letiva. Esta síntese deve ter em conta três ideias já planificadas e que servirá, como um preâmbulo, para a compreensão do valor da partilha: em primeiro lugar, a oposição *pão=vida/fome=morte*; em segundo lugar, a referência aos dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), do Programa Alimentar Mundial (PAM) e do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (IFAD) sobre a realidade da fome no mundo; em terceiro lugar, as causas naturais e humanas da fome. Com um esquema elaborado em powerpoint e projetado na tela, esta síntese deve ser exposta por mim de forma breve e sucinta, mas promovendo a participação dos alunos e a colocação de questões.

Seguidamente, é importante vincar outro conteúdo importante já aflorado na planificação da aula anterior, mas que não mereceu ainda um devido destaque. Refiro-me ao desperdício alimentar e vem reforçar o preâmbulo para a abordagem ao tema da partilha. Pretendo que os alunos, através da apresentação em powerpoint dos dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) conheçam a dimensão real do desperdício alimentar no mundo, o que constitui uma grande injustiça para todos aqueles que sofrem de subnutrição crónica.

Com todos estes conteúdos colocados diante dos alunos, torna-se pertinente introduzir a questão: então, o que fazer, para combater a fome? Ao mesmo tempo que esta questão aparece projetada na tela com uma imagem de fundo, devo começar por distribuir uma caixa com pão a metade dos alunos; a outra metade também deve receber uma caixa igual, mas sem pão no seu interior. Não deve ser dito a qualquer aluno o que cada caixa poderá conter. Desta forma,

pretendo introduzir o tema central da presente aula através da atividade denominada de “dinâmica da partilha.” O objetivo consiste em levar os alunos a descobrir, por si mesmos, a palavra partilha com todo o seu significado. Ao receberem a caixa, espera-se que os alunos se apercebam que existem algumas caixas com pão e outras sem pão. A correlação com a realidade deve ser evidente. No mundo em que vivemos, existem pessoas com alimentos em abundância e muitas outras sem sequer os alimentos básicos para a sua subsistência. Após alguns segundos de curiosidade perante a caixa, que por mais leve que seja, poderá esconder algum mistério, devo indicar a sua abertura. Mas a abertura implica reflexão. Por isso, com recurso à projeção, torna-se apropriado colocar as seguintes questões de forma sequencial, na tentativa de cada aluno refletir e partilhar esta experiência vivida em sala de aula:

- a) *Que sentimentos experimentei ao receber a caixa?*
- b) *E quando a abri, o que senti?*
- c) *O que me apeteceu fazer logo de seguida?*
- d) *Nesta situação o que é mais justo? Partilhar ou guardar tudo para mim? Calar ou reclamar?*
- e) *Serei capaz de partilhar?*

Deve seguir-se, agora, o momento da experiência de partilha. Os alunos que recebem uma caixa com pão devem dividi-lo com aqueles que recebem uma caixa vazia. Esta atividade que visa ensinar o valor e o significado da partilha, também pretende ensinar o valor da justiça. Aliás, nunca se entenderá a partilha sem a justiça. Se a fome traduz uma realidade de injustiça no mundo, a partilha implementa uma realidade de justiça.

Por outro lado, na abordagem ao tema da partilha, não deve ser esquecido outro valor patente no evangelho segundo S. Lucas. Trata-se da sensatez. Por isso, optei por escolher a parábola do rico insensato (Lc 12,13-21), para a apresentar através de powerpoint, visto que não há possibilidade de se distribuir Bíblias a todos os alunos. No entanto, considero pedagogicamente relevante que os alunos possam aceder e manusear uma Bíblia. Por isso, tenho a intenção de propor a leitura deste texto bíblico a partir da própria Bíblia, na biblioteca da escola, em casa, ou na catequese. Na corrente aula, este texto deve ser lido por dois alunos a determinar no momento oportuno para esta tarefa. Daqui deve extrair-se, a partir da interação com todos os alunos, que a relação do ser humano com os bens materiais deve ser sensata, isto é, com bom senso, com juízo claro, com noção da realidade. A razão funda-se na fragilidade do ser humano, que não é dono de si e que, por isso, pode morrer em qualquer instante. Neste cenário, para quê a ganância e o amontoar de coisas só para si? Esses serão os

insensatos e os que “não são ricos aos olhos de Deus”. A verdadeira riqueza estará assim na capacidade de partilhar, de se “esvaziar” de si para se “encher” do outro que sofre. A assimilação destes conteúdos deve ser reforçada através de um pequeno exercício de verdadeiro ou falso que tenho a intenção de apresentar em powerpoint.

No final da aula, os alunos são convidados a transcrever o sumário no caderno diário que apresento em powerpoint, com o seguinte texto: “O desperdício alimentar. A partilha do “pão” como princípio fundamental no combate à fome.” O facto de optar, desta vez, por escrever o sumário no final da aula interliga-se com a estratégia inerente à dinâmica da partilha que visa levar os alunos a descobrir, por si mesmos, a palavra partilha com todo o seu valor e significado. Neste sentido, se optasse por apresentar o sumário num momento inicial da aula, perder-se-ia logo aí todo o sentido de descoberta que tenho planeado.

O passo seguinte consiste em reforçar estes conteúdos, apresentando situações concretas de partilha, ou seja, de pessoas e instituições que dedicam a sua vida a partilhar, lutando desta forma contra a fome e contra a injustiça. Por vezes, há o perigo destes conteúdos não se tornarem suficientemente explícitos para os alunos. Por isso, eles devem ser traduzidos através de dados concretos, por ações concretas. É justamente nisso que se centra a aula seguinte.

3.5: Aula n.º 5: a importância do voluntariado

Como foi dito, o objetivo principal da presente aula é reforçar e concretizar o estudo acerca do valor da partilha utilizando como recurso um vídeo com testemunhos de três voluntários que devem ser projetados na tela. A partir da sua visualização, tenho a intenção de refletir sobre os princípios e valores associados ao voluntariado e dar a conhecer a identidade de várias organizações que se dedicam à luta contra a fome e à pobreza, quer em Portugal, quer no mundo.

A instalação do computador, do projetor e de colunas de som é a primeira tarefa a realizar, tal como acontece nas restantes aulas. De seguida, os alunos devem ser solicitados a expor os conteúdos principais que foram abordados na aula anterior com o intuito de se realizar uma síntese. A aprendizagem sobre o desperdício alimentar, mas sobretudo sobre a partilha, com a atividade proporcionada na sala de aula para a demonstrar, deve estar no centro da participação dos alunos.

Seguidamente, os alunos devem transcrever o sumário da presente aula: “A importância do voluntariado e das organizações de solidariedade na luta contra a fome no mundo.”

Posto isto, segue-se a apresentação de um vídeo sobre a importância do voluntariado em várias áreas de intervenção, com o testemunho de vários voluntários. Porém, antes da sua projeção devo solicitar aos alunos a identificação e o apontamento no caderno diário do nome destes voluntários e das instituições que representam, assim como das ações de voluntariado levadas a cabo por cada um desses voluntários. Esta estratégia tem como objetivo fazer com que os alunos se concentrem na visualização do vídeo referido, como se se tratasse de um teste ou desafio de atenção. Espera-se, portanto, que os alunos se sintam motivados por poderem ter, após a visualização, a possibilidade de se distinguirem na apresentação do que conseguirem reter.

Posteriormente, tendo em conta a participação dos alunos, é importante refletir sobre as áreas de voluntariado patentes no vídeo e a própria definição de voluntariado, tendo como apoio uma apresentação em powerpoint. A ajuda humanitária de emergência, representada pela OIKOS, o voluntariado missionário, representado pelos Leigos Boa Nova e a ajuda aos sem-abrigo, representada pela CASA (Centro de Apoio aos Sem-Abrigo) são as áreas e os intervenientes de voluntariado que servem como objeto mais concreto do nosso estudo. Relativamente à definição de voluntariado, tendo em conta as intervenções dos alunos, deve ficar claro que este termo refere-se a ações não remuneradas de interesse social e comunitário, que respondem a diversos tipos de necessidades. Com base nos testemunhos visualizados, procede-se, seguidamente, à identificação dos princípios que orientam o voluntariado, destacando os valores da solidariedade, cooperação, gratuidade, participação e justiça.

Estes valores presidem também à ação de outras organizações de solidariedade e desenvolvimento como a Caritas, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) e o Banco de Ajuda Alimentar contra Fome, que devo apresentar a seguir. Refiro-me a estas, não apenas pelo facto de centrarem a sua ação na luta contra a fome e a pobreza, mas também pelo seu papel e relevância junto da sociedade. No que se refere à Caritas, e uma vez que os alunos são naturais da cidade de Braga, torna-se pertinente referir a delegação da Caritas Arquidiocesana de Braga, assim como o seu trabalho junto dos mais pobres e excluídos de Braga. Aliás, deve ser dado a conhecer o endereço eletrónico desta delegação da Caritas (www.caritas.pt/braga) para que os alunos possam aprofundar o seu estudo e tomar um maior conhecimento desta instituição. Quanto à Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), é certo que esta entidade já foi referida em aulas anteriores e sumariamente apresentada, mas cabe agora relembrar e aprofundar o conhecimento acerca deste organismo das Nações Unidas.

3.6 Aula n.º 6: avaliação de conteúdos

Nesta fase da lecionação, é importante, na presente aula, realizar uma ficha de avaliação sumativa¹³⁷ capaz de aferir os conhecimentos apreendidos pelos alunos dos conteúdos que foram lecionados ao longo das cinco aulas anteriores. Esta ficha, baseada numa escala percentual, constitui um instrumento importante para fundamentar uma tomada de decisão sobre a classificação de cada aluno no final do período letivo. A este elemento deve-se juntar a aferição registada, em grelha, dos trabalhos de casa, assim como da qualidade/quantidade de participação dos alunos no contexto de sala de aula durante as aulas precedentes.

No início da aula, é necessário preparar os alunos para a realização da referida ficha de avaliação, apelando para uma atitude de atenção e concentração na realização da mesma. De seguida, devo explicar-lhes a pontuação assinalada no enunciado referente a cada questão. Os conteúdos que integram a ficha são os seguintes: o pão na cultura popular portuguesa; o carácter simbólico-religioso do pão na bíblia; o flagelo da fome; a partilha; o voluntariado e as organizações de combate à fome e à pobreza. Em termos metodológicos, as questões são colocadas na forma de interpretação, correspondência de conhecimentos, resposta curta, escolha múltipla e de verdadeiro ou falso. Os dois alunos com necessidades educativas especiais recebem uma ficha de avaliação com adequações curriculares¹³⁸. Esta ficha adaptada consiste na cópia manuscrita de frases sobre os mesmos temas presentes nas fichas de avaliação dos restantes alunos. Também devem efetuar a colorização de uma imagem bíblica sobre a eucaristia. Esta opção funda-se nas evidências da avaliação formativa, recolhidas ao longo da lecionação da presente unidade letiva, que atestam profundas dificuldades de apreensão, compreensão e aplicação de conhecimentos. Durante a realização da ficha de avaliação tenho a intenção de percorrer a sala de aula para assegurar maior concentração individual e devo mostrar-me sempre disponível para esclarecer qualquer dúvida ao nível da interpretação do enunciado.

Passado cerca de 20 minutos, tempo que destino à realização desta ficha, procedo à correção oral na sala de aula, solicitando aos alunos a utilização de um lápis para, em caso de terem respondido erradamente, escreverem ou assinalarem a resposta correta enquanto decorrer a correção. Desta forma, devo encarregar individualmente os alunos nas respostas às questões de interpretação, de correspondência de conhecimentos e de resposta curta; e em

¹³⁷ Ver em anexo 2, páginas 81-82.

¹³⁸ Ver em anexo 3, páginas 83-84.

conjunto no que se refere às questões colocadas sob a forma de verdadeiro ou falso e de escolha múltipla. A correção também implica que cada aluno contabilize a pontuação que conseguiu obter em cada questão.

Tendo sido corrigida, solicito a recolha das mesmas por um aluno com necessidades educativas especiais, com o objetivo de promover a sua integração e participação nas tarefas da sala de aula. A ficha corrigida, uma vez recolhida, deve ser levada por mim para verificação. Esta deve ser-lhes entregue na aula seguinte, lecionada pela professora orientadora e titular desta turma na escola Dr. Francisco Sanches.

Por fim, na conclusão da unidade letiva, com o objetivo de consolidar os conhecimentos sobre os valores da partilha, e que constituem, ao mesmo tempo, capacidades a desenvolver num mundo tão desigual, no que se refere à distribuição da alimentação e de riqueza, toco na guitarra e canto a canção denominada “Parábola”¹³⁹.

4. Apresentação esquemática das planificações

Após a descrição detalhada da unidade letiva “O pão de cada dia”, segue-se, em esquema, as planificações das aulas lecionadas.

¹³⁹ Ver em anexo 4, página 85.

Aula n.º 1: o pão como alimento básico e simbólico

Sumário: A importância da alimentação e do pão, como alimento essencial e como símbolo na literatura e na sabedoria popular portuguesa.

Conteúdos	Objetivos		Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	Conhecimentos a Adquirir	Capacidades a Desenvolver				
<p>1 - Sumário.</p> <p>2- A importância da alimentação como necessidade biológica e como lugar de confraternização.</p>	<p>- Compreender a alimentação como um bem fundamental do ser humano, para sua subsistência e desenvolvimento biológico.</p> <p>- Compreender a alimentação humana como lugar de relação, de convívio e confraternização.</p>	<p>- Reconhecer e valorizar uma alimentação equilibrada em ordem a um crescimento e desenvolvimento saudáveis;</p> <p>- Valorizar as refeições em família e em grupo.</p>	<p>- Apresentação em powerpoint de carácter expositivo sobre a importância da alimentação como necessidade biológica e como lugar de confraternização.</p>	<p>- Projetor multimédia e computador;</p> <p>- Caderno diário.</p>	10 min.	<p>- Grelha de observação de aula: participação (quantidade e qualidade).</p>
<p>3 – O pão como alimento essencial na gastronomia portuguesa: pão de trigo, o pão de centeio, a broa de milho.</p> <p>Outros alimentos essenciais: o azeite e o vinho.</p>	<p>- Conhecer a importância e a centralidade do pão na cultura gastronómica portuguesa e a sua diversidade;</p> <p>- Conhecer a importância do azeite e do vinho na gastronomia portuguesa.</p>	<p>- Valorizar a cultura gastronómica portuguesa, nomeadamente, o pão.</p>	<p>- Apresentação em powerpoint da questão individual: “quantos pães como por dia?” e reflexão a partir das respostas dadas.</p> <p>- Apresentação em powerpoint sobre a diversidade e centralidade do pão na cultura gastronómica portuguesa.</p>	<p>- Projetor multimédia e computador;</p> <p>- Caderno diário.</p>	10 min.	

<p>4 – O pão como símbolo do alimento essencial:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Na literatura portuguesa; - Na sabedoria popular; 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o pão como símbolo do alimento essencial, nomeadamente, na literatura e na sabedoria popular portuguesa (provérbios). 	<ul style="list-style-type: none"> - Interpretar produções culturais sobre o significado simbólico do pão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura e interpretação do texto “Lenda das Rosas” (Natércia Rocha, <i>Contos e lendas de Portugal</i>) apresentado em Powerpoint. - Apresentação em Powerpoint de provérbios sobre o tema do pão e solicitação, como trabalho de casa, da recolha de provérbios não só sobre o tema do pão, mas também sobre o tema da alimentação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Projetor multimédia e computador. 	<p>15 min.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação de aula: Participação (quantidade e qualidade).
<p>5 – Alimentos básicos de vários contextos geoculturais: A mandioca, o milho, o arroz e o feijão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a importância de outros alimentos (mandioca, milho, arroz, feijão) em vários contextos geoculturais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância fundamental de diversos alimentos em diversas culturas; - Interpretar produções culturais de diferentes origens sobre o significado simbólico do alimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os alimentos apresentados em imagem e associá-los a um lugar geográfico no mapa apresentado em Powerpoint. 	<ul style="list-style-type: none"> - Projetor multimédia e computador. 	<p>10 min.</p>	
<p>Interdisciplinaridade: Ciências Naturais (alimentação); Português (leitura e interpretação de textos, provérbios).</p>						

Aula n.º 2: a simbologia judaico-cristã do pão

Sumário: O significado simbólico-religioso do Pão na cultura judaico-cristã.

Conteúdos	Objetivos		Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	Conhecimentos a Adquirir	Capacidades a Desenvolver				
<p>1 – Sumário.</p> <p>2 – O Pão como símbolo do alimento essencial na sabedoria popular portuguesa</p>	<p>- Compreender o pão como símbolo do alimento essencial, nomeadamente, na literatura e na sabedoria popular portuguesa (provérbios).</p>	<p>- Interpretar produções culturais sobre o significado simbólico do pão.</p>	<p>- Solicitação individual sobre a realização do trabalho de casa e a apresentação do mesmo a partir do próprio lugar.</p> <p>- Apresentação em powerpoint de provérbios sobre o tema do pão.</p>	<p>- Projetor multimédia e computador</p> <p>- Caderno diário</p>	10 min.	<p>- Grelha de observação de aula: participação (quantidade e qualidade); Cumprimento de prazos.</p>
<p>2 – Significado religioso da Alimentação na Cultura Judaica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alimentos = dádiva de Deus; - Normas de carácter religioso no consumo dos alimentos: Alimentos próprios (<i>kosher</i>) e impróprios (<i>treif</i>) ao consumo humano; - Abundância de alimentos = Bênção divina; - A importância e o carácter simbólico na cultura judaico-cristã do azeite, do “leite e mel”, do vinho. 	<p>- Compreender o significado simbólico-religioso da alimentação na cultura judaico-cristã;</p>	<p>- Interpretar produções culturais de diferentes origens sobre o significado simbólico-religioso do alimento.</p> <p>- Consultar e interpretar textos bíblicos, mobilizando conhecimentos sobre a estrutura do Novo Testamento, bem como outros conhecimentos necessários já explorados em anos anteriores.</p>	<p>- Apresentação em powerpoint por tópicos, sobre o significado religioso da alimentação na cultura judaica.</p>	<p>- Projetor multimédia e computador</p>	10 min.	<p>- Grelha de observação de aula: participação (quantidade e qualidade).</p>

<p>3 – O caráter simbólico-religioso do Pão (alimento essencial); No antigo testamento: - O pão (<i>léhem</i>) como símbolo do alimento essencial; - O pão ázimo; - O <i>maná</i>;</p> <p>No novo testamento: - Jesus, o novo <i>maná</i>; - Jesus, o “pão da vida.” - “O pão nosso de cada dia” (Oração do Pai-Nosso)</p>	<p>- Compreender o significado simbólico do pão no Antigo Testamento e no Novo Testamento;</p> <p>- Saber relacionar o conceito de pão apresentado no Novo Testamento com o conceito de pão presente no Antigo testamento.</p>	<p>- Reconhecer a importância do pão na cultura judaico-cristã.</p>	<p>- Apresentação em powerpoint por tópicos, sobre o caráter simbólico-religioso do Pão</p> <p>- Leitura e interpretação de textos bíblicos do Antigo Testamento e do Novo Testamento.</p>		10 min.	<p>- Grelha de observação de aula: Participação (quantidade e qualidade);</p>
<p>4 – O caráter simbólico-religioso do pão na Última Ceia: o alimento como presença real de Jesus entre os seus discípulos (pão=corpo; vinho=sangue).</p>	<p>- Compreender o significado do pão no episódio da Última Ceia.</p>	<p>- Interpretar e apreciar produções estéticas sobre a Última Ceia, identificando o seu significado essencial para a mensagem cristã.</p>	<p>- Apresentação do vídeo sobre a Última Ceia extraído do filme “Jesus de Nazaré”, de <i>Franco Zeffirelli</i>.</p> <p>- Reflexão e comentário (em conjunto) ao vídeo visualizado.</p>	<p>- Projetor multimédia, computador e colunas.</p>	10 min.	
<p>5 - A Eucaristia</p>	<p>- Saber que a Eucaristia foi instituída por Jesus na Última Ceia e que é celebrada pelos cristãos.</p>	<p>- Reconhecer a importância fundamental da Eucaristia para os cristãos;</p>	<p>- Apresentação em powerpoint de imagens relativas à celebração eucarística no tempo atual.</p>	<p>- Projetor multimédia e computador</p>	5 min.	
<p>Interdisciplinaridade: Português (leitura e interpretação de textos; provérbios)</p>						

Aula n.º 3: o flagelo da fome no mundo

Sumário: O flagelo da fome no mundo: causas naturais e humanas.

Conteúdos	Objetivos		Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	Conhecimentos a Adquirir	Capacidades a Desenvolver				
<p>1 – Síntese da Aula Anterior (Significado simbólico-religioso do Pão na cultura judaico-cristã):</p> <ul style="list-style-type: none"> Os alimentos são dádiva de Deus O Pão é símbolo do alimento essencial (o pão ázimo, o <i>maná</i>) Jesus é o Pão da vida, o <i>novo maná</i>, presente no Pão Eucarístico: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória.» (Lc 22,19) <p>2 - Sumário</p>	<p>- Compreender o significado simbólico-religioso da alimentação na cultura judaico-cristã;</p> <p>- Compreender o significado simbólico do pão no Antigo Testamento e no Novo Testamento;</p> <p>- Saber relacionar o conceito de pão apresentado no Novo Testamento com o conceito de pão presente no Antigo testamento.</p> <p>- Compreender o significado do pão no episódio da Última Ceia.</p>	<p>- Consultar e interpretar textos bíblicos, mobilizando conhecimentos sobre a estrutura do Novo Testamento, bem como outros conhecimentos necessários já explorados em anos anteriores.</p> <p>- Reconhecer a importância do pão na cultura judaico-cristã.</p>	<p>- Solicitação aos alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior;</p> <p>- Apresentação em powerpoint da síntese da aula anterior.</p>	- Projetor multimédia e computador	10 min.	- Grelha de observação de aula: participação (quantidade e qualidade).
<p>3 – Introdução à realidade da fome: se o pão conduz à vida; a fome conduz à morte.</p>	<p>- Compreender que o alimento (pão) é um direito universal de todos os povos;</p>	<p>- Reconhecer o valor primordial da dignidade da vida humana;</p>	<p>- Apresentação em powerpoint sobre o “Flagelo da Fome”.</p>	- Projetor multimédia e computador	10 min.	- Grelha de observação de aula: participação

<p>Pão → Vida ≠ Morte ← Fome:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O Pão (vida) como um direito fundamental de todos; • A fome (morte) como tragédia presente no mundo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Saber relacionar a falta de alimento (de pão) com a realidade da fome; - Compreender que a fome provoca a morte; - Saber identificar as regiões do mundo mais devastadas pela fome. 	<ul style="list-style-type: none"> - Interpretar documentos de organismos internacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Vincar bem a oposição: pão-vida/ fome-morte. - Solicitar a identificação no mapa dos países mais atingidos pela fome. 			(quantidade e qualidade).
<p>4 – A Fome como resultado da carência de Pão (do alimento essencial): Repartição da população subnutrida no mundo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a dimensão real da subnutrição e da fome no mundo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Valorizar a facilidade do acesso à alimentação em Portugal e na Europa. - Combater o desperdício alimentar existente nas sociedades do mundo desenvolvido. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do vídeo sobre os dados da FAO, PAM e IFADE sobre a fome no mundo; - Solicitação para a anotação dos dados apresentados no vídeo referido. 	<ul style="list-style-type: none"> - Projetor multimédia, computador; - Caderno Diário. 	10 min.	- Grelha de observação de aula: participação (quantidade e qualidade).
<p>5 – Causas da Fome: Naturais – Períodos de seca, Inundações, Desertificação, Terramotos. Humanas – Guerras, Pobreza, Desflorestação, Desertificação, Subida dos preços dos alimentos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e compreender as causas que provocam a fome no mundo, nomeadamente nos países em desenvolvimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Valorizar a paz e o meio ambiente como condições essenciais para a existência de alimentos; 	<p>Apresentação em powerpoint sobre as causas da fome no mundo e explicação de cada causa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Projetor multimédia, computador. 	15 min.	
<p>Interdisciplinaridade: Português (leitura e interpretação de documentos); Geografia (Interpretação de Mapas)</p>						

Aula n.º 4: a partilha, uma questão de justiça

Sumário: O desperdício alimentar. A partilha do “pão” como princípio fundamental no combate à fome.

Conteúdos	Objetivos		Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	Conhecimentos a Adquirir	Capacidades a Desenvolver				
<p>1 – Síntese da Aula Anterior (O flagelo da fome no mundo):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pão → Vida • Fome → Morte • Repartição da população subnutrida no mundo (Dados da FAO, PAM e IFAD) • Causas da Fome: Naturais e Humanas 	<ul style="list-style-type: none"> - Saber relacionar a falta de alimento (de pão) com a realidade da fome; - Compreender que a fome provoca a morte; - Conhecer a dimensão real da subnutrição e da fome no mundo. - Conhecer e compreender as causas que provocam a fome no mundo, nomeadamente nos países em desenvolvimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer o valor primordial da dignidade da vida humana; - Valorizar a facilidade do acesso à alimentação em Portugal e nos países desenvolvidos; - Valorizar a paz, a estabilidade social e respeitar o meio ambiente como condições essenciais para a existência de alimentos; 	<ul style="list-style-type: none"> - Solicitação aos alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior; - Apresentação em powerpoint da síntese da aula anterior. 	<ul style="list-style-type: none"> - Projetor multimédia e computador 	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação de aula: participação (quantidade e qualidade).
<p>2 – O desperdício alimentar nos países desenvolvidos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a dimensão real do desperdício alimentar no mundo, nomeadamente, nos países desenvolvidos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Assumir na vida quotidiana uma atitude de combate ao desperdício alimentar; 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação em powerpoint dos dados da FAO sobre o desperdício alimentar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Projetor multimédia e computador 	10 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação de aula: participação (quantidade e qualidade).

<p>3 – A partilha do “pão” como princípio fundamental no combate à fome:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O valor da justiça (dinâmica “A partilha do pão”); • O valor da sensatez (Lc 12,13-21). <p>4 – Sumário.</p>	<p>- Compreender que o “pão” é um direito universal de todos os povos;</p> <p>- Compreender que a partilha do “pão” é um princípio fundamental no combate à fome e uma questão de justiça;</p> <p>- Ler e interpretar o texto bíblico “A Parábola do rico insensato” (Lc 12,13-21) sobre a relação do ser humano com os bens materiais;</p> <p>- Compreender e relacionar os valores da justiça e da sensatez com o valor da partilha.</p>	<p>- Organizar um universo de valores fundado no respeito pela dignidade de todos os seres humanos e na justiça social;</p> <p>- Interpretar produções culturais que reflitam sobre a justiça/injustiça na distribuição dos bens;</p> <p>- Interpretar textos bíblicos sobre a relação do ser humano com os bens materiais, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana;</p> <p>- Mobilizar os valores da dignidade de todas as pessoas, da solidariedade e da cooperação com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistência.</p>	<p>- Realização da dinâmica “A partilha do pão”, segundo as seguintes etapas:</p> <p>1 – Distribuição de uma caixa com pão a metade dos alunos. A outra metade recebe uma caixa sem pão.</p> <p>2 – Solicitação para a abertura das caixas.</p> <p>3 – Colocação da questão “Estão todos satisfeitos com o presente que receberam?” e reflexão. O objetivo é chegar ao tema da justiça na repartição dos bens.</p> <p>4 – Redistribuição do pão: quem recebeu uma caixa com pão, vai partilhá-lo com um colega que recebeu uma caixa vazia.</p> <p>- Leitura da Parábola do rico insensato (Lc 12,13-21), apresentada em powerpoint. Reflexão orientada com questões de verdadeiro/falso.</p>	<p>- 24 Caixas de pasteleiro (tamanho pequeno), 12 pães e guardanapos;</p> <p>- Projetor multimédia, computador;</p> <p>- Caderno diário.</p>	<p>30 min</p>	
<p>Interdisciplinaridade: Português (leitura e interpretação de textos)</p>						

Aula n.º 5: a importância do voluntariado

Sumário: A importância do voluntariado e das organizações de solidariedade na luta contra a fome no mundo.

Conteúdos	Objetivos		Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	Conhecimentos a Adquirir	Capacidades a Desenvolver				
<p>1 – Síntese da Aula Anterior:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O desperdício alimentar nos países desenvolvidos • A partilha do “pão” como princípio fundamental no combate à fome: o valor da justiça; o valor da sensatez <p>2 - Sumário</p>	<p>- Conhecer a dimensão real do desperdício alimentar no mundo, nomeadamente, nos países desenvolvidos.</p> <p>- Compreender que o “pão” é um direito universal de todos os povos;</p> <p>- Compreender que a partilha do “pão” é um princípio fundamental no combate à fome, uma questão de justiça e de sensatez;</p>	<p>- Assumir na vida quotidiana uma atitude de combate ao desperdício alimentar;</p> <p>- Organizar um universo de valores fundado no respeito pela dignidade de todos os seres humanos e na justiça social;</p>	<p>- Solicitação aos alunos sobre os conteúdos lecionados na aula anterior;</p> <p>- Apresentação em powerpoint da síntese da aula anterior.</p>	<p>- Projetor multimédia e computador</p>	<p>10 min.</p>	<p>- Grelha de observação de aula: participação (quantidade e qualidade).</p>

<p>3 – O papel do voluntariado e das organizações de solidariedade na luta contra a fome no mundo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que é o voluntariado? • Áreas de voluntariado (ajuda humanitária de emergência; voluntariado missionário; apoio aos sem-abrigo) • Organizações de solidariedade e desenvolvimento (Caritas; FAO; Banco de Ajuda Alimentar contra a Fome) 	<ul style="list-style-type: none"> - Apreender o conceito de voluntariado; - Conhecer as motivações que devem presidir a um voluntariado autêntico; - Conhecer diferentes áreas de voluntariado; - Conhecer o papel e a relevância das organizações de solidariedade social e de desenvolvimento em vários contextos sociais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mobilizar os valores da dignidade de todas as pessoas, da solidariedade e da cooperação com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistência. - Interpretar produções culturais que reflitam sobre a importância do voluntariado e da partilha; - Integrar ações de voluntariado contra a fome e contra a pobreza a nível local e internacional; 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de um vídeo sobre a importância do voluntariado em várias áreas de intervenção. Antes da colocação do vídeo, solicita-se aos alunos que identifiquem e apontem no caderno diário o nome dos voluntários e das instituições que constam no vídeo, durante a sua visualização, assim como as ações de voluntariado relativas a cada voluntário. <p>De seguida, tendo em conta a participação dos alunos, reflete-se sobre as áreas de voluntariado patentes no vídeo e o conceito de voluntariado (com o apoio de uma apresentação em powerpoint).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação em powerpoint sobre a <i>Caritas</i>, a FAO e o Banco de Ajuda Alimentar contra a Fome. 	<ul style="list-style-type: none"> - Projetor multimédia, computador, colunas - Caderno diário - Projetor multimédia, computador; - Caderno diário 	<p>35 min.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação de aula: participação (quantidade e qualidade).
<p>Interdisciplinaridade: Português (interpretação de documentos visuais)</p>						

Aula n.º 6: avaliação de conteúdos

Sumário: Ficha de avaliação sobre a unidade letiva: “o pão de cada dia”.

Conteúdos	Objetivos		Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
	Conhecimentos a Adquirir	Capacidades a Desenvolver				
<p>1 – Sumário.</p> <p>2 - Realização e correção de ficha de avaliação com os seguintes conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O pão na cultura popular portuguesa; • O carácter simbólico-religioso do pão no antigo e novo testamento; • A fome; • A partilha; • O voluntariado e Organizações de combate à pobreza 	<p>- Compreender o pão como símbolo do alimento essencial, nomeadamente, na literatura e na sabedoria popular portuguesa (provérbios).</p> <p>- Compreender o significado simbólico do pão no Antigo Testamento e no Novo Testamento;</p> <p>- Saber relacionar o conceito de pão apresentado no Novo Testamento com o conceito de pão presente no Antigo testamento.</p> <p>- Compreender o significado do pão no episódio da Última Ceia.</p>	<p>- Interpretar produções culturais sobre o significado simbólico do pão.</p> <p>- Consultar e interpretar textos bíblicos, mobilizando conhecimentos sobre a estrutura do Novo Testamento, bem como outros conhecimentos necessários já explorados em anos anteriores.</p> <p>- Reconhecer a importância do pão na cultura judaico-cristã.</p> <p>- Interpretar e apreciar produções estéticas sobre a Última Ceia, identificando o seu significado essencial para a mensagem cristã.</p>	<p>1 – Distribuição do enunciado da ficha de avaliação e breve explicação dos critérios de pontuação; (Os alunos com necessidades educativas especiais receberão uma ficha de trabalho adaptada)</p> <p>2 - Realização da ficha de avaliação com oito questões relativas aos conteúdos apresentados;</p> <p>3 – Correção da ficha</p>	<p>- Enunciado da Ficha de Trabalho;</p>	<p>10 min.</p> <p>20 min.</p> <p>10 min.</p>	<p>- Ficha de avaliação;</p> <p>- Grelha de observação de aula: participação (quantidade e qualidade).</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Saber que a Eucaristia foi instituída por Jesus na Última Ceia e que é celebrada pelos cristãos. - Conhecer e compreender as causas que provocam a fome no mundo, nomeadamente nos países em desenvolvimento. - Compreender que a partilha do “pão” é um princípio fundamental no combate à fome; - Conhecer os valores que devem presidir a um voluntariado autêntico; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância fundamental da Eucaristia para os cristãos; - Valorizar a paz e o meio ambiente como condições essenciais para a existência de alimentos; - Mobilizar os valores da dignidade de todas as pessoas, da solidariedade e da cooperação com vista à resolução dos problemas relacionados com a ausência de condições mínimas de subsistência. - Integrar ações de voluntariado contra a fome e contra a pobreza a nível local e internacional; 	<p>de avaliação e solicitação da participação oral individual e conjunta.</p> <p>4 – Realização da soma da pontuação obtida em cada questão realizada por cada aluno.</p>			
3 - Os valores da partilha, da solidariedade e da esperança na vida quotidiana	- Compreender a importância dos valores da partilha, solidariedade e esperança na vida quotidiana.	- Ser capaz de partilhar os bens individuais e de ajudar os mais necessitados por amor.	Execução instrumental e vocal da canção “Parábola”	- Guitarra e voz; - Folhas A5 com a letra;	5 min.	
Interdisciplinaridade: Português (leitura e interpretação de textos; escrita); Música (Canção “Parábola”)						

5. Avaliação e perspetivas

Neste ponto pretendo avaliar a prática letiva dos conteúdos planificados assim como as estratégias e os recursos que foram utilizados na busca de uma aprendizagem consistente pelos alunos. Serão assinalados, também, os aspetos positivos e os aspetos negativos. Ao mesmo tempo, abrirei novas perspetivas didático-pedagógicas para o ensino desta unidade letiva, a partir da experiência desta lecionação.

No que se refere à primeira aula, centrou-se, tal como constava na planificação, na reflexão sobre a importância da alimentação e do pão como alimento essencial quer na cultura portuguesa, quer noutros contextos culturais. Foram também apresentados alimentos de outras regiões do globo terrestre que equivalem ao pão, não só enquanto alimento básico da gastronomia local, mas também no seu valor simbólico.

Pelo facto de ter lecionado, anteriormente, a unidade letiva denominada “A Família”, nesta aula não necessitei de me apresentar, nem de solicitar a apresentação individual de cada aluno. Por isso, após a saudação inicial, limitei-me a apresentar oralmente a denominação da presente unidade letiva, provocando uma correlação com a expressão “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”, que é rezada na oração do Pai-Nosso, com o objetivo de encontrar aí uma âncora de enquadramento compreensível para os alunos.

De seguida, solicitei a um aluno que escrevesse o sumário no quadro para que os restantes alunos o pudessem transcrever. Este procedimento, que tinha como objetivo possibilitar a participação ativa no decorrer da aula e o desenvolvimento de competências ligadas à língua portuguesa, nomeadamente, à sua expressão escrita, revelou-se um pouco moroso, pondo em causa as temporizações planificadas relativas aos restantes conteúdos. Posteriormente, com o recurso a uma apresentação em powerpoint, recorrendo a exemplos da vida quotidiana e provocando a participação oral, a alimentação foi apresentada como necessidade biológica e também como lugar de confraternização. O recurso aos exemplos da vida quotidiana ajudou a aclarar significativamente a relação entre a alimentação e a confraternização. Nesta linha de abordagem, a pergunta - *quantos pães como por dia?* - visava a consciência da centralidade do pão na cultura gastronómica portuguesa. Tal como esperava, ocorreu uma “chuva” de respostas ilustrativas da presença do pão no quotidiano das refeições. A partir daqui, com o apoio de imagens, foram apresentados vários tipos de pão, tais como, pão de trigo, de centeio e de milho, assim como outros alimentos essenciais da gastronomia portuguesa como o azeite e o vinho. Na planificação deste conteúdo, referi que seria interessante organizar uma visita de estudo ao Museu do Pão, localizado em Seia. Todavia, deixo aqui outra ideia perfeitamente

exequível: ensinar os alunos a confeccionar pão. Esta seria uma atividade prática que poderia ter a colaboração de um padeiro que aceitasse este desafio. Claro que a escola teria que dar garantias logísticas para a realização desta atividade.

O desafio seguinte constituía um “degrau” importante no estudo do pão, já que se passava de um plano físico do pão para um plano simbólico. Esta tarefa didático-pedagógica baseou-se na leitura de um texto emblemático da história e da cultura portuguesa, a “lenda das rosas”¹⁴⁰ e também de provérbios da cultura portuguesa, para justificar o uso do termo “pão” como termo simbólico, representando todo o alimento essencial, vital para o ser humano. Foi notório o conhecimento que a generalidade dos alunos possuíam da “lenda das rosas” e também de alguns provérbios associados ao pão, tendo alguns manifestado o interesse em participar e contar a história mesmo antes de ser lida. Neste âmbito, solicitei aos alunos, como trabalho de casa, a recolha de provérbios junto dos seus familiares.

A última tarefa prevista para a presente aula, e que também foi cumprida, tinha como objetivo o reconhecimento de alimentos de outros contextos culturais equivalentes ao pão como alimento básico e simbólico. O método utilizado consistiu na associação de vários alimentos a várias regiões geográficas, utilizando para isso uma apresentação em powerpoint com o mapa-múndi e imagens de mandioca, milho, feijão e arroz. No âmbito deste conteúdo e como perspetiva didático-pedagógica, seria interessante promover e organizar no meio escolar uma semana de cultura gastronómica onde se apresentasse e se desse a provar pratos típicos de outros países, nomeadamente da África, da Ásia e da América latina.

Quanto à segunda aula, centrada no significado simbólico-religioso do pão na cultura judaico-cristã, um tema fundamental desta unidade letiva, teve como objetivo a compreensão do universo simbólico do pão na bíblia, nomeadamente no episódio da ceia eucarística de Jesus com os seus discípulos. De novo a estratégia referente à escrita do sumário no quadro para os alunos transcreverem mostrou-se morosa, pelo que acabou por condicionar a temporização dada à abordagem dos conteúdos da presente aula. Seguiu-se a aferição dos alunos que realizaram o trabalho de casa indicado na aula anterior, que consistia na recolha de provérbios sobre o pão e a alimentação. Esta ação foi realizada através da verificação dos cadernos diários, numa trajetória pela sala de aula. Foram cerca de dois terços os alunos que realizaram o referido trabalho. De imediato, procedeu-se à exposição oral dos provérbios recolhidos, de forma ordenada, consoante o levantamento do dedo, condição *sine qua non* para a participação. Dos provérbios referidos pelos alunos destacam-se os seguintes:

¹⁴⁰ Ver em anexo 1, página 80.

A pão duro, dente agudo;
Pão comprado não enche barriga;
Pão mole, a rir se engole;
Pão duro é melhor que figo maduro.

Refira-se que alguns alunos, apesar de não terem realizado o trabalho de casa, optaram por quebrar as regras definidas para a participação, inventando no imediato alguns provérbios. Perante esta situação, alertei-os para a mudança de atitude na sala de aula, sensibilizando-os para os valores da legitimidade, do respeito e das regras na sala de aula.

A abordagem acerca do significado simbólico-religioso do pão na cultura judaico-cristã constituía um novo e grande “degrau” no estudo da presente unidade letiva. Por isso, através de uma apresentação em powerpoint com tópicos e imagens, comecei por vincar os alimentos como dádiva de Deus na cultura judaica, utilizando os termos “dom”, “presente” e “oferta” como sinónimos de dádiva. A palavra “presente” foi aquela que ajudou a uma maior compreensão do termo “dádiva”. Foram também referidos os alimentos próprios para o consumo humano (*kosher*) e os impróprios (*treif*), assim como alguns alimentos particularmente importantes na cultura judaico-cristã como o azeite, o vinho, o leite e o mel. De todos os alimentos, evidencia-se o pão, por isso, tendo como base tópicos bastante explícitos e pequenos textos bíblicos, de uma forma expositiva, expliquei os conteúdos sobre o “pão ázimo”, o “maná”, o novo “maná”, o “pão-nosso de cada dia”. No que se refere ao estudo da “última ceia”, recorri à exibição de um vídeo extraído do filme “Jesus de Nazaré”, de *Franco Zeffirelli* (1977). Antes de o exhibir, solicitei aos alunos que captassem e escrevessem as palavras mais importantes ditas por Jesus. Após ter sido exibido o referido vídeo, constatei que bastantes alunos não conseguiram atender à tarefa solicitada, por isso, optei por exhibi-lo novamente, apelando à atenção. No final, os alunos na sua maioria reproduziram as palavras centrais da última ceia, referentes ao pão e ao vinho. Concluiu-se, que Jesus utilizou o pão e o vinho para se tornar presente de uma forma real, segundo a fé cristã. Neste sentido, quer o pão, quer o vinho assumem um carácter simbólico da presença do corpo e do sangue de Jesus e recordam a sua morte e ressurreição. Posteriormente, foram colocadas imagens da celebração da eucaristia no tempo atual, pedindo aos alunos para, em primeiro lugar, identificarem o referido ato celebrativo, e em segundo, estabelecerem uma correlação entre a última ceia e a eucaristia. Este desafio mostrou-se fácil para o conjunto dos alunos, tendo-se concluído que, segundo a fé cristã, a eucaristia foi instituída por Jesus e que, tal como naquele tempo, também hoje Jesus se faz presente no pão e no vinho.

No âmbito deste conteúdo, contribuía para um conhecimento mais aprofundado da simbologia judaico-cristã do pão, por exemplo, a realização de trabalhos de grupo sobre esta temática. Deste modo, os temas poderiam distribuir-se da seguinte forma: 1 - o pão como dom; 2 - o pão ázimo; 3 - o maná; 4 - Jesus, o Pão da Vida; 5 - a Última Ceia; 6 – a eucaristia.

Após se ter chegado, com a eucaristia, ao ponto mais sublime do estudo do pão, onde o pão é vida espiritual, na terceira aula introduziu-se o conceito de fome como necessidade biológica, realidade de escassez alimentar, de ausência de pão que pode levar à morte. Este tema teve como objetivo sensibilizar os alunos para a realidade da fome no mundo e, ao mesmo tempo, voltar a evidenciar a importância vital do alimento do pão.

Nesta aula, os alunos foram convidados primeiramente a realizar uma síntese da aula anterior. Esta tarefa consistiu na explicação de três conteúdos fundamentais da aula anterior e decorreu mediante a participação livre dos alunos de forma ordenada, a saber:

1. Os alimentos são dádiva de Deus;
2. O pão é símbolo do alimento essencial no Antigo Testamento (Pão Ázimo, Maná) e no Novo Testamento (Jesus Cristo - Pão da Vida, Novo Maná);
3. Jesus Cristo está presente no Pão Eucarístico.

Desta vez, o sumário foi projetado numa apresentação em powerpoint, em vez de ser escrito por um aluno no quadro como ocorreu nas aulas anteriores. A demora verificada na escrita do sumário nessas aulas conduziu a esta opção que teve como razão principal reduzir o tempo destinado para esta tarefa.

Partindo da oposição *pão=vida/fome=morte*, patente numa apresentação em powerpoint, vinquei a alimentação como um direito de todos e a fome como um dos maiores flagelos da humanidade. Para fundamentar a alimentação como um direito, apresentei um excerto do artigo 25.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos que foi lido pelos alunos em conjunto. Seguidamente, com o objetivo de mostrar a dimensão da fome no mundo, apresentei o mapa-múndi do Índice Global de Fome referente ao ano de 2012 publicado pela *Concern Worldwide*, o *IFPRI (International Food Policy Research Institute)* e a *Welthungerhilfe*. Como este mapa se apresenta em cores que sinalizam o grau de severidade da fome, requeri que estas fossem identificadas corretamente numa escala compreendida entre a baixa severidade e a severidade extremamente alarmante. De imediato, os alunos identificaram alguns países do continente africano sinalizados com o grau máximo de severidade. Também referi algumas regiões onde não se assinala qualquer grau de severidade, como é os casos da Europa e da América do Norte. Com o objetivo de se reforçar ainda mais a consciência para o

flagelo da fome no mundo, foi apresentado uma informação em vídeo noticiada pelo canal internacional de notícias *Euronews* contendo dados objetivos e sintéticos do relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), do Programa Alimentar Mundial (PAM) e do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (IFAD) referente à fome no mundo, os quais foram retidos pelos alunos durante a visualização e expostos, mediante a promoção de uma participação livre e de forma ordenada dos alunos. Com base nestes dados os alunos foram constatando a injustiça que existe no mundo no que diz respeito à distribuição de alimentos. Uma vez apresentado a realidade da fome, impôs-se compreender as razões que estão na sua origem. Neste sentido, apresentei alguns tópicos referentes às causas de caráter natural e às de caráter humano, os quais foram explicados pelo professor e transcritos pelos alunos para o caderno diário.

A partir daqui, tornou-se pertinente avançar para a compreensão da partilha como a arma mais eficaz de matar a fome no mundo, explicitando o direito de todos ao pão de cada dia. Este foi o conteúdo central da quarta aula. Como tinha planejado, nesta aula levei para a aula caixas de pasteleiro para realizar a dinâmica da partilha. Assim que os alunos as viram começaram a tecer considerações sobre o uso e objetivo das mesmas, mas consegui guardar o segredo até ao momento que tinha planejado para a realização da atividade da partilha. Antes desta atividade, e promovendo a participação dos alunos apresentei uma síntese da aula anterior para que os alunos pudessem incorporar melhor o conteúdo que se seguia. Esta síntese contemplou três ideias já bem vincadas: em primeiro lugar, a oposição *pão=vida/fome=morte*; em segundo lugar, a referência aos dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), do Programa Alimentar Mundial (PAM) e do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (IFAD) sobre a realidade da fome no mundo; em terceiro lugar, as causas naturais e humanas da fome. O tema do desperdício alimentar também foi explorado, justamente para reforçar o grande desequilíbrio entre os países ricos e os países pobres e a grande injustiça que constitui.

Eis-nos chegados à dinâmica da partilha, ou seja, ao momento que acabou por desvendar o “mistério” das caixas. Tal como estava planejado, comecei a distribuir as caixas tendo como questão de fundo: então, o que fazer, para combater a fome? Rapidamente, os alunos perceberam que algumas caixas estavam vazias e que outras tinham algo. Quiseram abri-las imediatamente, mas tentei que estas fossem abertas só depois de as ter distribuído a todos os alunos. Sem dizer uma palavra, os alunos que receberam caixas com pão, começaram a dividi-

lo com aqueles que tinham recebido caixas vazias. O objetivo foi cumprido, mesmo antes de apresentar as questões de reflexão que tinha planejado.

Após algum tempo para os alunos saborearem o pão dividido, a aula prosseguiu centrando-se em dois valores inerentes à partilha: a justiça e a sensatez. O texto bíblico que serviu de fundamentação ao valor da sensatez foi a parábola do rico insensato (Lc 12,13-21) que foi lido por dois alunos e colocado à interpretação dos alunos, que se mostraram bastante participativos. As questões do exercício de verdadeiro ou falso que foi planejado também se revelaram fáceis para os alunos, uma vez que responderam acertadamente e com rapidez a estas questões.

Tal como referi na planificação da unidade letiva, considerei ser pertinente reforçar estes conteúdos com situações concretas de partilha e nada melhor do que apresentar, neste âmbito, pessoas e instituições que dedicam a sua vida a causas que visam a partilha.

Por isso, na quinta aula, através de um vídeo sobre a importância do voluntariado, os alunos foram convidados a prestar atenção às várias realidades de carência focadas neste vídeo, assim como ao testemunho de três voluntários de áreas de atuação distintas. Claro que o ideal seria trazer alguns voluntários à escola para darem o seu testemunho na sala de aula. Assim, estes voluntários poderiam responder em primeira pessoa às questões colocadas pelos alunos e deste modo, sensibilizá-los melhor para a importância de ser voluntário.

Porém, antes da visualização deste vídeo, os alunos realizaram a síntese da aula anterior, salientando imediatamente à dinâmica da partilha. De forma interessada e entusiasmada, os alunos relembrou esta dinâmica, passo por passo, como se estivéssemos a realizar esta dinâmica naquele momento. Aliás, a prova deste interesse reside no facto de alguns alunos terem guardado as suas caixas num cantinho da sala. Certamente que, sempre que olharem para esse cantinho, lembrar-se-ão daquela aula. No seguimento desta abordagem, referi o desperdício alimentar, conteúdo que também foi lecionado na quarta aula, como antítese da partilha de alimentos.

Retomando a visualização do vídeo, este decorreu como estava planejado. Antes da sua projeção solicitei aos alunos que identificassem e apontassem no caderno diário do nome dos voluntários e das instituições que representam, assim como das ações de voluntariado levadas a cabo por cada um desses voluntários. De facto, esta estratégia fez com que se focassem atentamente na sua visualização e participassem corretamente na exposição dos dados referidos. A partir daqui, tendo como recurso uma apresentação em powerpoint, tentei clarificar a noção de voluntariado, referindo que este termo diz respeito a ações não

remuneradas de interesse social e comunitário, que respondem a diversos tipos de necessidades. As ações de voluntariado que este vídeo trata, a saber, a ajuda humanitária de emergência, o voluntariado missionário e a ajuda aos sem-abrigo, também foram objeto de reflexão. Os valores da solidariedade, cooperação, gratuidade, participação e justiça foram de seguida abordados como princípios que orientam o voluntariado e que estão presentes também na ação de outras instituições. De entre estas instituições, referi a Caritas Arquidiocesana de Braga (<http://www.caritas.pt/braga>), dando o seu endereço eletrónico para consulta dos alunos, o Banco Alimentar de luta contra a fome e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO).

Com base nesta abordagem, deixei algumas questões em aberto aos alunos: *e nós, também podemos ser voluntários? Onde como? No nosso dia-a-dia não faltam oportunidades para ajudarmos o outro a ser feliz!* Os alunos chegaram rapidamente à conclusão que podem sê-lo primeiramente em casa ou na escola, junto dos familiares, amigos e colegas.

Como estava planificado, na sexta e última aula da unidade letiva “O pão de cada dia”, dei a realizar uma ficha de avaliação sumativa¹⁴¹ para aferir os conhecimentos apreendidos pelos alunos dos conteúdos que foram lecionados ao longo das cinco aulas anteriores.

Tendo explicado aos alunos a pontuação patente em cada questão, e alertado quanto à atenção, facultei 20 minutos para a realização desta ficha de avaliação. Os dois alunos com necessidades educativas especiais também receberam uma ficha de avaliação com adequações curriculares¹⁴². Durante a realização da ficha de avaliação percorri a sala de aula, mostrando-me sempre disponível para esclarecer qualquer dúvida ao nível da interpretação do enunciado. Após a finalização do tempo destinado à realização desta ficha, procedemos à sua correção oral. Desde já, compreendi que os resultados só poderiam ser bons. A excelente participação dos alunos revelou, o que depois verifiquei, com as fichas à frente na minha secretária: o valor mais baixo foi de 80 pontos numa escala percentual, tendo havido onze classificações na casa dos 90, e duas classificações de 100 pontos.

Quando faltavam não mais de cinco minutos para o final da aula, ainda deu tempo para tirar a guitarra do saco para cumprir o último item da planificação que consistiu no canto da canção denominada “Parábola”¹⁴³.

¹⁴¹ Ver em anexo 2, páginas 81-82.

¹⁴² Ver em anexo 3, páginas 83-84.

¹⁴³ Ver em anexo 4, página 85.

Tendo chegado ao final da lecionação desta unidade letiva, torna-se pertinente realizar uma autoavaliação, considerando os aspetos positivos, assim como os aspetos negativos.

Assim, como aspetos positivos saliento os seguintes:

- a) O cumprimento da planificação prevista na sua totalidade;
- b) As estratégias de ensino adequadas e com recursos apropriados;
- c) A boa organização e interligação dos conteúdos;
- d) Realização de sínteses no início de cada aula;
- e) Boa gestão do tempo previsto para a abordagem a cada conteúdo;
- f) A minha postura serena e segura face aos imprevistos na sala de aula;
- g) A interação permanente com os alunos.
- h) Os bons resultados dos alunos, que prova que o caminho pedagógico-didático escolhido foi apropriado e correto.

Como aspetos negativos saliento os seguintes:

- a) A desatenção e desconcentração de alguns alunos, principalmente verificada nas primeiras duas aulas da unidade letiva, que acabou por causar um clima de alguma instabilidade no decorrer da aula;
- b) A morosidade na escrita do sumário no quadro e no caderno pelos alunos;
- c) Reduzidas estratégias didático-pedagógicas direcionadas para os alunos com necessidades educativas especiais;
- d) Demasiada rigidez na observância da planificação, conduzindo-me, em alguns momentos a um certo distanciamento afetivo dos alunos;
- e) O excesso de informação numérica sobre a realidade da fome.

CONCLUSÃO

A conclusão de uma etapa, não significa a conclusão de um caminho. É com este sentimento que, após este trajeto de reflexão teológica, pedagógica e didática da unidade letiva “O pão de cada dia” do 6.º ano de escolaridade, parto na busca de uma nova etapa no meu trajeto profissional e pessoal. Todavia, parto com uma bagagem preenchida de novas competências que me permitirão, sem dúvida, continuar o caminho mais preparado para enfrentar os desafios que a lecionação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica na Escola de hoje impõe. Neste contexto, quero salientar as aprendizagens que esta reflexão me proporcionou, nomeadamente, ao nível da definição de estratégias e de metodologias pedagógico-didáticas capazes de melhor conduzir os alunos à aquisição de conhecimentos e ao desenvolvimento de capacidades, a partir dos conteúdos do programa.

O facto de ter percorrido esta etapa enquanto exercia a minha atividade profissional de docência noutra escola, também me ajudou a experimentar os meus limites e a saber ultrapassá-los, com paciência, capacidade de gestão do tempo e das prioridades, com resiliência, e sobretudo, com muita força de vontade. Claro que, para isso contribuiu o apoio de pessoas que conviveram comigo durante todo este processo, nomeadamente, a minha família, amigos, as professoras orientadoras e os colegas da Prática de Ensino Supervisionada.

Concluo esta etapa consciente de que esta reflexão também poderá contribuir, de forma humilde, como recurso teológico, pedagógico e didático, para o exercício da lecionação de outros professores de Educação Moral e Religiosa Católica, mas também, como instrumento de sensibilização, ao dispor, por exemplo, de entidades de voluntariado missionário, para a luta contra a fome e contra a pobreza. Afinal, “dar pão a quem tem fome” deve ser um imperativo moral dentro e fora da escola. A este respeito, aproveito para referir que a pertinência desta unidade letiva não se pode circunscrever às paredes da escola. Ela traz em si uma realidade que impõe uma urgência de ação.

Em suma, este trabalho acaba por ser comparável a um alimento leve que ofereço a quem nele reconhecer importância e utilidade. Tal como abri este relatório, termino com um pensamento do padre José Tolentino Mendonça do seu livro *Pai-nosso que estais na Terra*: “Alimentamo-nos uns dos outros. Somos uns para os outros, na escuta e na palavra, no silêncio e no riso, no dom e no afeto, um alimento necessário, pois é de vida (e de vida partilhada) que as nossas vidas se alimentam”.

BIBLIOGRAFIA

1) Magistério da Igreja

BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de Junho de 2009) AAS 101 (2009) 641-709.

BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de Dezembro de 2005) AAS 98 (2006) 217-252.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Assafarge, 2000².

CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Editora Principia, Cascais, 2005.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucaristia* (17 de abril de 2003) AAS 95 (2003) 433-475.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dives in Misericordia* (30 de novembro de 1980) AAS 72 (1980) 1178-1232.

JOÃO PAULO II, *Jubileu do Mundo Agrícola. Discurso do Santo Padre durante o encontro festivo* (11 de Novembro de 2000) AAS 93 (2001) 198-202.

PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum progressio* (26 de Março de 1967), AAS 59 (1967) 258-299.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, Instrução *Eucaristicum Mysterium* (25 de Maio de 1967) AAS 59 (1967) 539-573.

2) Geral

AA.VV, *Global food losses and food waste. Extent, causes and prevention*, Food and Agriculture Organization of the United Nations, Rome, 2011.

AA.VV., 2012 - *Global hunger index, The challenge of hunger: Ensuring sustainable food security under land, water, and energy stresses*, Welthungerhilfe / International Food Policy Research Institute (IFPRI) / Concern Worldwide, Bonn / Washington, DC / Dublin, 2012.

- AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2009.
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS DIREITOS HUMANOS, *Intervenção de Olivier De Schutter, Relator Especial da ONU para o direito à alimentação*, IX Conferência de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, Maputo, 20 de julho de 2012.
- ALTO COMISSARIADO PARA A IMIGRAÇÃO E MINORIAS ÉTNICAS - ACIME (org.), *Sabores do mundo: Guia da diversidade gastronómica*, Acime / Unesco / Presidência do Conselho de Ministros, Lisboa, 2006.
- ALVES, Herculano, *Símbolos na Bíblia*, Difusora Bíblica, Fátima, 2001.
- BALTHASAR, Hans Urs von, *Só o amor é digno de fé*, col. Teofânias, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008.
- BEAUCHAMP, Paul, *Eucaristia* in LÉON-DUFOUR, Xavier (dir.) *Vocabulario de Teología Bíblica*, Editorial Herder, Barcelona, 1965, 268-274.
- BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, Esfera dos Livros, Lisboa, 2008⁴.
- BOROBIO, Dionisio, *Eucaristia*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000.
- BRITES, Carla, GUERREIRO, Margarida, *O pão através dos tempos*, Apenas Livros, col. Res Rustica 12, Lisboa, 2008.
- CARVALHO, Adalberto (coord.) *Voluntariado e dádiva cristã*, Centro de Investigação de Paula Frassinetti / Fundação Fé e Cooperação, Lisboa, 2012.
- GONZÁLEZ-SIMANCAS, José, *Aprender a ajudar* in Aurora BERNAL (coord.), *El voluntariado: educación para la participación social*, Ariel, Barcelona, 2002, 111-136.
- LACAN, Marc-François, *Maná* in LÉON-DUFOUR, Xavier (dir.) *Vocabulario de Teología Bíblica*, Editorial Herder, Barcelona, 1965, 440-441.
- LÉON-DUFOUR, Xavier, *Lectura del Evangelio de Juan, Jn-5-12*, Vol. II, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1992.
- LOPES, Fernão (1380?-1460), *Chronica de el-rei D. Fernando*, Vol. II, col. Bibliotheca de Clássicos Portuguezes, Escripório, Lisboa, 1895-1896.

MENDONÇA, José Tolentino, *Pai-Nosso que estais na Terra. O Pai-nosso aberto a crentes e a não-crentes*, col. Poéticas do Viver Crente, Paulinas, Prior Velho, 2012⁷.

MERKEL, Friedemann, *Pan* in COENEN, Lothar, BEYREUTHER, Erich, BIETENHARD, Hans, *Diccionario Teológico Del Nuevo Testamento*, vol. III, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1994, 282-286.

OFICINA DEL ALTO COMISIONADO DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LOS DERECHOS HUMANOS, *El derecho a la alimentación adecuada*, Folleto informativo n.º 34, Ginebra (june 2010).

PARAFITA, Alexandre, *Antologia de Contos Populares*, Vol. 1, Plátano Editora, Lisboa, 2001.

PATRÍCIO, António, *Lendas de S. Gonçalo e de Amarante*, Paróquia de S. Gonçalo, Amarante, 2009.

PEREIRA, Jorge A. Paulo (coord.), *Nós e o Mundo, Manual do Professor – EMRC, 6.º Ano do Ensino Básico*, Fundação Secretariado da Educação Cristã, Lisboa, 2011.

RODRÍGUEZ SEDANO, Alfredo, *El motivo del voluntariado: una propuesta posible* in BERNAL, Aurora (coord.) *El voluntariado: educación para la participación social*, Ariel, Barcelona, 2002, 53-71.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2007.

SESBOÛÉ, Daniel, *Pan* in LÉON-DUFOUR, Xavier (dir.) *Vocabulario de Teología Bíblica*, Editorial Herder, Barcelona, 1965, 566-568.

3) Legislação

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho n.º 17169/2011 de 23 de dezembro de 2011 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2.ª série — N.º 245 — 23 de Dezembro de 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho n.º 5306/2012 de 2 de abril de 2012 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2.ª série — N.º 77 — 18 de abril de 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho n.º 10874/2012 de 10 de agosto de 2012 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2.ª série — N.º 155 — 10 de agosto de 2012.

4) Netgrafia

BENTO XVI, *Mensagem para o 46.º Dia Mundial da Paz de 2013 – Bem-aventurados os obreiros da paz* (8 de dezembro de 2012). Documento consultado no *site* da Santa Sé (<http://www.vatican.va>).

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Nota Pastoral sobre *Voluntariado e nova consciência social* (15 de Fevereiro de 2011). Documento consultado em 18 de maio de 2013 no *site* da Agência Ecclesia (<http://www.agencia.ecclesia.pt>).

NEWS.VA – THE VATICAN TODAY, *Papa à Caritas Internacional: "A Caritas é o amor da Mãe Igreja que acaricia e ama"* (16 de maio de 2013). Notícia consultada em 17 de maio de 2013 no *site* da News.va (<http://www.news.va/pt>).

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU), *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Documento consultado no *site* da Organização das Nações Unidas (<http://www.ohchr.org>).

PONTIFÍCIO CONSELHO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário* (4 de Outubro de 1996). Documento consultado no *site* da Santa Sé (<http://www.vatican.va>).

THE SUNDAY TIMES, *Banquets for Kim as starving North Korean parents 'eat their children'* (27 de janeiro de 2013). Notícia consultada no dia 3 de maio de 2013 no *site* do jornal The Sunday Times (<http://www.thesundaytimes.co.uk>).

ANEXOS

Lenda das Rosas

Ele chamava-se Dinis, era rei e poeta. Ela chama-se Isabel, era rainha e carinhosa. Ele estava preocupado com as guerras e ela estava preocupada com os pobres. Um dia Isabel saía do castelo com moedas e pães para matar a fome aos mais pobres, quando o rei lhe saiu ao caminho e perguntou.

— Senhora, que levais aí guardado em vosso manto?

Assustados pela presença do rei, os pobres que se tinham espalhado pelos jardins correram a esconder-se e temeram a fúria do rei.

Com boas palavras, a rainha afastou as desconfianças do rei. Os pobres voltaram a procurar a ajuda da carinhosa Isabel. Mas nas lendas e nos contos também há malvados... E aqui foi um fidalgo intriguista que foi dizer ao rei que a rainha desperdiçava o dinheiro da coroa dando grandes esmolas aos vadios e ladrões.

E o rei acreditou nas palavras daquele homem maldoso. Saiu de novo ao caminho de Isabel e fez-lhe a mesma pergunta:

— Senhora, que levais guardado no vosso manto?

Certa de que Deus não iria desampará-la, Isabel ergueu a cabeça e olhou para o céu antes de dar a resposta:

— São rosas, senhor, são rosas. Abriu o manto e, perante o seu próprio pasmo, viu que pão e moedas se tinham transformado em lindas e frescas rosas.

Isto diz a história da Rainha Santa Isabel de Portugal.

Natércia Rocha, *Contos e lendas de Portugal* in Jorge A. Paulo PEREIRA (coord.), *Nós e o Mundo, Manual do Professor – EMRC, 6.º Ano do Ensino Básico*, Fundação Secretariado da Educação Cristã, Lisboa, 2011.



Nome: _____ | N.º: _____ | Ano/Turma: 6.º 4

PRESTA MUITA ATENÇÃO ÀS QUESTÕES QUE TE SÃO APRESENTADAS.
CADA QUESTÃO VALE UMA DETERMINADA PONTUAÇÃO. SE RESPONDERES CORRETAMENTE A TODAS AS QUESTÕES RECEBERÁS 100 PONTOS

O PÃO NA CULTURA POPULAR PORTUGUESA

1 – Explica o significado do provérbio “Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão”. **10**

O CARÁCTER SIMBÓLICO-RELIGIOSO DO PÃO NA BÍBLIA

3 - Faz corresponder os elementos da coluna A aos da coluna B **15**

COLUNA A	COLUNA B
Maná •	• É Jesus Cristo, filho de Deus.
Pão da Vida e “Novo Maná” •	• É o pão sem fermento. Representava as privações do povo hebreu escravizado no Egito.
Pão Ázimo •	• É o pão caído do céu para alimentar o povo hebreu durante a travessia do deserto do Sinai. Representa a compaixão de Deus para com o seu povo.

4 - Observa a representação da Última Ceia e responde às seguintes questões. **10**



4.1 – Assinala a alínea correta.

A pintura representa

- a) a presença de Jesus num casamento em Caná da Galileia.
- b) a refeição pascal que Jesus tomou com os seus discípulos pouco antes da sua prisão e condenação à morte.
- c) a refeição pascal que Jesus tomou com a sua família mais chegada, incluindo a sua mãe e os seus irmãos.

4.2 - Que significado atribuiu Jesus ao pão e ao vinho durante esta refeição? **16**

4.3 - Que nome tem a celebração atual na qual é representado este gesto de Jesus? **10**

CAUSAS DA FOME

12

5 - A fome ocorre devido a causas naturais, bem como a causas que dependem da responsabilidade humana. Faz corresponder os elementos da coluna A aos da coluna B, registrando o número no espaço em branco respectivo.

COLUNA A	COLUNA B
1 – Causas naturais	<input type="checkbox"/> a) Guerra entre as populações
2 – Causas que decorrem da responsabilidade humana	<input type="checkbox"/> b) Grandes inundações
	<input type="checkbox"/> d) Terramotos
	<input type="checkbox"/> g) Egoísmo e ambição
	<input type="checkbox"/> i) Seca
	<input type="checkbox"/> k) Trabalho mal remunerado

A PARTILHA

15

6 – Lê com atenção o seguinte texto bíblico e assinala cada uma das alíneas com V (verdadeiro) ou F (falso).

“Se alguém é rico e não tem coração para ajudar o seu irmão na fé, vendo-o com necessidade, como pode dizer que ama a Deus? Meus filhos, não amemos com palavras e discursos, mas com ações e com verdade.” (1 Jo 3, 17-18)

De acordo com o texto bíblico, o amor a Deus

- a) está ligado ao amor ao próximo.
- b) manifesta-se sobretudo na oração.
- c) exige ações concretas de partilha de bens com os mais desfavorecidos.
- d) leva os mais abastados a distribuir o que têm pelos mais ricos.
- e) mostra que as ações são mais importantes do que as palavras.

VOLUNTARIADO E ORGANIZAÇÕES DE COMBATE À POBREZA

12

7 - Assinala as alíneas que se referem aos valores que orientam o voluntariado.

- a) Solidariedade
- b) Avarizia
- c) Cooperação
- d) Egoísmo
- e) Generosidade
- f) Gratuidade
- g) Irresponsabilidade
- h) Participação
- i) Justiça





AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. FRANCISCO SANCHES
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA | ANO LETIVO 2012/13
UNIDADE LETIVA 4: O PÃO DE CADA DIA

FICHA DE AVALIAÇÃO

1 – Copia as seguintes frases:

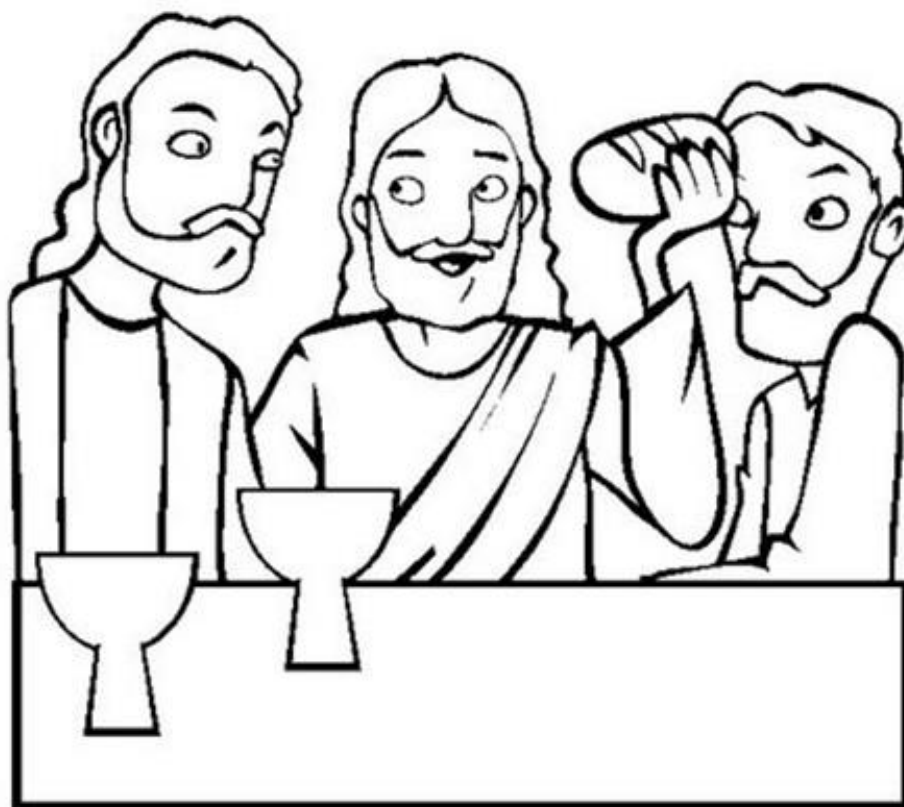
O pão é o símbolo do alimento essencial na cultura judaica e cristã.

Nos evangelhos, Jesus é o Pão da Vida.

Jesus disse que se encontrava presente no Pão e no Vinho da celebração eucarística.

Infelizmente existem muitas pessoas com fome no mundo. Por isso, devemos partilhar os alimentos com essas pessoas.

2 – Pinta a seguinte figura





AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DR. FRANCISCO SANCHES
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA | ANO LETIVO 2012/13
UNIDADE LETIVA 4: O PÃO DE CADA DIA

NA LONGA ESTRADA DE JERICÓ

Na longa estrada de Jericó
um homem sofre e eu vou passar.
Vou apressado, vou em missão,
mas bate forte meu coração.

**Se eu penso em mim, tu ficas só.
Se eu penso em ti, seremos nós.
E a tua dor vai acabar
e eu mais seguro vou caminhar.**

Seremos dois a enfrentar
a longa estrada de Jericó.
Não temerei, não temerás
os salteadores que espreitam lá.

E na cidade de Jericó
vamos cear amor e pão.
E quem nos vir há-de pensar:
vale sempre a pena estender a mão.